

Fiódor Dostoiévsk

Entre Luzes e Angústias

Romance sentimental

(Das recordações de um romântico)

ENTRE LUZES E ANGÚSTIAS

Romance sentimental

(Das recordações de um romântico)

**“E se, por um breve instante, pudesse
encontrar um lar no silêncio do teu olhar,
onde o tempo parasse e eu, perdido em ti,
ficasse apenas como uma lembrança suave
no eco do teu coração?”**

— Aleksandr Blok

01

Entre Luzes e Angústias

Eu não sei se você entenderia o que estou prestes a contar. Talvez o peso das palavras seja demasiado leve para traduzir as dimensões do que vivi. Ou, quem sabe, as experiências que estou prestes a relatar estejam tão profundamente enraizadas na minha alma que, ao saírem, percam a força que tinham quando pulsavam dentro de mim. Mas, mesmo assim, eu tento. Tento porque acredito que, se me ouvir — ou me ler — com o coração aberto, talvez, ainda que por um breve instante, você sinta essa mistura de angústia e luz que se apossou de mim e que até hoje não consigo descrever completamente.

As noites são testemunhas silenciosas da minha inquietação. Em meio ao silêncio profundo, quando o mundo parece repousar, as memórias se erguem como fantasmas. Caminham comigo no quarto escuro, sentam-se ao pé da minha cama, sussurram verdades que prefiro ignorar. Eu as ouço, mas não as compreendo completamente. Ainda assim, elas estão lá, e hoje, mais do que nunca, sinto que preciso libertá-las. Preciso trazê-las à luz.

Foi em um desses encontros onde se discute a vida que eu a vi pela primeira vez. Misty. Não sabia seu nome, tampouco imaginava que, um dia, ela se tornaria o centro de tantas das minhas divagações. Ela estava lá, entre outras pessoas, como um raio de luz que atravessa uma sala escura. Não, não era apenas beleza que me atraía, embora ela fosse inegavelmente bonita. Era algo mais. Algo intangível, uma aura, talvez. Um magnetismo que parecia resistir a qualquer definição lógica.

Esses encontros — onde almas inquietas buscavam algum tipo de consolo ou significado em meio ao caos da existência — eram, para mim, um refúgio. E lá estava

ela, como quem pertence àquele lugar e, ao mesmo tempo, parece deslocada. Havia algo nela que eu não compreendia, mas que me fascinava. Eu a observava à distância, como quem contempla uma obra de arte: com admiração, mas sem ousar se aproximar, temendo profaná-la com minha presença imperfeita.

Ainda assim, não conseguia evitar. Meus olhos a procuravam automaticamente. Eu me perguntava quem era ela, quais eram suas dores, suas angústias, suas luzes. Mas, em vez de buscar respostas, permanecia em silêncio, refém da minha própria hesitação. Ela parecia tão distante, tão inacessível. Como se houvesse um muro invisível que a separava do restante do mundo — e, especialmente, de mim.

Essa foi a primeira impressão que tive de Misty. E, embora tudo tenha começado ali, foi apenas o prelúdio de algo muito maior. Algo que, aos poucos, tomaria conta de mim de uma forma que eu jamais poderia prever.

“Misty, você foi a luz que iluminou o meu caos. Mesmo no silêncio do nosso início, eu já sentia que algo em mim mudava por causa de você.”

02

O Encontro Inesperado

Havia algo quase sagrado na quietude daquele lugar. A igreja, com suas paredes altas e vitrais coloridos, parecia abrigar não apenas nossas confissões, mas também os segredos mais profundos de nossa existência. Eu costumava frequentá-la acompanhado do meu irmão, não por devoção fervorosa, mas porque, de alguma forma, aquele ambiente me dava a impressão de que o peso que eu carregava se tornava um pouco mais leve.

Naquele dia, como tantos outros, fui até lá com um propósito simples: confessar-me. O ritual já não era novidade para mim. Sentar-me no banco de madeira, com as mãos apoiadas no joelho, o olhar perdido em algum ponto indefinido da nave. O aroma das velas queimadas misturava-se ao som abafado das preces murmuradas, criando uma atmosfera que era, ao mesmo tempo, solene e reconfortante.

Eu me levantei, como de costume, quando chegou minha vez. Encostei-me na parede ao lado do confessionário, aguardando. O silêncio ao meu redor parecia amplificar os ruídos internos da minha mente: os questionamentos, as culpas, os desejos inconfessáveis. Estava tão absorto em mim mesmo que quase não notei quando ela entrou.

Misty. Não a reconheci de imediato, mas algo na sua presença me despertou. Ela parecia apressada, talvez preocupada. As catequistas, percebendo sua urgência, decidiram que ela poderia confessar-se logo depois de mim. E foi então que aconteceu.

Ao terminar a confissão, abri a porta do confessionário com certa pressa, como se quisesse escapar das sombras dos meus pecados. E lá estava ela, parada à minha frente.

Seus olhos encontraram os meus, e, por um instante, o mundo inteiro pareceu parar. Não foi um encontro planejado, nem sequer significativo para quem o observasse de fora. Mas, para mim, foi como se a própria essência do universo tivesse se revelado naquele breve momento.

Ela recuou ligeiramente, surpresa. Eu também me retraí, como se tivesse sido apanhado em um ato proibido. Mas não era medo o que sentíamos, pelo menos não o tipo de medo que paralisa. Era algo diferente, mais profundo, algo que queimava e iluminava ao mesmo tempo.

Foi ali, naquela troca de olhares, que senti pela primeira vez o que só posso descrever como um encantamento. Não era amor, não ainda. Mas era algo que me consumia, que me deixava sem ar, como se uma parte de mim tivesse sido arrancada e colocada diante de mim, na forma de Misty.

O momento passou rápido. Ela entrou no confessionário, e eu saí apressado, tentando recuperar o fôlego. Mas o que havia acontecido ali continuaria comigo, como uma chama que eu não sabia apagar. Cada detalhe daquele encontro ficou gravado na minha memória: a luz que atravessava os vitrais e se espalhava pelo chão, o som de passos distantes ecoando pela nave, e, principalmente, a expressão nos olhos dela, uma mistura de surpresa, curiosidade e algo mais que eu não conseguia decifrar.

Saí da igreja naquela tarde com o coração em um estado que eu nunca tinha experimentado antes. Era como se um pedaço do céu tivesse descido e tocado minha alma, mas também como se um peso novo tivesse sido colocado sobre mim. Eu não sabia o que aquilo significava, mas sabia que algo dentro de mim havia mudado para sempre.

“No primeiro olhar que lancei a você, algo despertou em meu coração, um misto de encanto e timidez que me ensinou o que era beleza verdadeira.”

03

A Conexão Virtual

Os dias que se seguiram ao encontro na igreja foram marcados por uma sensação estranha, quase contraditória. Havia um fogo aceso dentro de mim, algo que iluminava os cantos escuros do meu ser, mas, ao mesmo tempo, um frio, uma hesitação que me impedia de agir. Eu sabia quem era ela agora — seu rosto e sua presença estavam gravados em minha memória —, mas seu nome continuava sendo um mistério.

Minha rotina prosseguia, mas minha mente frequentemente escapava para aquele momento em que nossos olhos se encontraram. Eu me perguntava se ela também se lembrava, se aquele breve encontro havia sido tão significativo para ela quanto fora para mim. Mas a distância, a falta de um pretexto para nos aproximarmos, parecia um muro intransponível.

Foi então que o inesperado aconteceu. Estava em casa, perdido em minhas reflexões, quando recebi uma notificação no TikTok. Era um comentário em um dos meus vídeos, algo simples, mas que fez meu coração disparar. “É você?”, ela havia perguntado, com uma naturalidade que parecia ignorar o impacto que essas palavras teriam em mim.

Por um instante, fiquei paralisado, olhando para a tela do celular como se ela fosse um portal para outra dimensão. Misty havia me encontrado, reconhecido, e agora estava ali, virtualmente à minha frente. Minha primeira reação foi de incredulidade. Como ela teria me achado? Por que estava interessada em confirmar minha identidade? Essas perguntas me perseguiram, mas a resposta parecia irrelevante diante do que realmente importava: o fato de que ela havia dado o primeiro passo.

Pouco depois, ela começou a me seguir. Primeiro no TikTok, depois no Instagram. Cada notificação que aparecia no meu celular parecia carregar consigo uma promessa, uma possibilidade que eu não sabia se estava preparado para enfrentar. Meu coração, sempre tão marcado por incertezas e inseguranças, agora batia com uma intensidade nova, quase assustadora.

Mas, com essa intensidade, vieram também os medos. Nunca tinha tido experiência com namoro, nunca havia estado tão próximo de alguém que despertasse esses sentimentos em mim. Meu histórico de rejeições e decepções parecia formar uma barreira invisível, algo que me fazia hesitar em tomar qualquer iniciativa. O trauma de ser ignorado, de ser tratado com indiferença, ecoava em minha mente, sussurrando que talvez fosse melhor não arriscar.

Mesmo assim, havia uma centelha de coragem, algo que me empurrava a buscar formas sutis de mostrar meu interesse. Comecei a curtir os stories dela no Instagram, um gesto pequeno, quase insignificante, mas que, para mim, carregava um significado profundo. Era minha maneira de dizer: “Eu estou aqui. Eu te vejo. Eu me importo.”

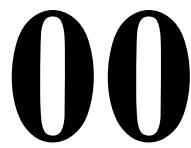
Cada curtida era acompanhada por um misto de esperança e apreensão. Será que ela perceberia? Será que interpretaria como eu queria? Ou será que era apenas mais um gesto perdido no vasto mar das interações virtuais? Essas dúvidas me consumiam, mas eu continuava.

E então, no dia 06 de julho de 2024, o inesperado aconteceu novamente. Uma mensagem chegou. “Oii”, dizia ela, com uma simplicidade quase desconcertante. Eu li aquelas palavras repetidamente, tentando absorver o que elas significavam. Misty havia cruzado o muro que eu temia atravessar. Ela havia tomado a iniciativa, e agora a escolha estava em minhas mãos.

Meu coração disparou, minhas mãos tremiam. Nunca uma mensagem tão curta teve um impacto tão grande sobre mim. Responder parecia uma tarefa monumental, como se cada palavra tivesse o poder de moldar o futuro. Ainda assim, respirei fundo e comecei a digitar.

Ela não sabia, mas aquele “oii” foi como uma faísca em uma noite escura. E, mesmo com todo o medo e insegurança, eu sabia que algo dentro de mim estava pronto para se transformar.

“Naquele dia na igreja, o inesperado encontro com você foi mais do que um acaso; foi o momento em que meu coração decidiu que não poderia mais ignorar o seu brilho.”



O Encanto no Silêncio

Naqueles dias de espera e hesitação, a presença de Misty ocupava cada pensamento meu, mesmo sem que tivéssemos trocado uma única palavra. Havia algo na simplicidade de suas ações que me deixava em suspenso. O comentário que deixara no meu vídeo parecia um sinal, um gesto pequeno, mas que carregava um peso imenso em minha mente. Por que ela teria feito isso? E por que teria me seguido em outras redes sociais? Essas perguntas me acompanhavam como uma melodia insistente, tocando sem parar no fundo da minha consciência.

A escola, um lugar que sempre considerei opressivo e desprovido de vida, subitamente adquiriu um novo significado. Não porque eu gostasse mais das aulas ou das pessoas ao meu redor, mas porque ela estava lá, ao alcance do meu olhar. Havia um dia específico, um único dia por semana, em que ela fazia monitoria no turno da manhã. E eu, mesmo sabendo que provavelmente não trocaríamos palavras, ansiava por aquele momento como quem espera por um vislumbre de sol em meio a dias nublados.

Ela parecia não perceber, mas eu observava cada pequeno movimento dela, o jeito como caminhava entre os alunos, o olhar que, por um instante, se cruzava com o meu, apenas para rapidamente se desviar. Às vezes, pensava que ela gostava de mim, que seu gesto de curtir minhas publicações e minha maneira de reparar nela de longe significavam algo mais profundo. Mas, então, me via novamente envolto em uma espiral de incertezas. Será que eu estava apenas projetando o que queria ver? Será que ela tinha consciência do impacto que seus gestos, tão simples, mas tão significativos, tinham sobre mim?

Não sabia o que ela sentia, nem mesmo sabia se algum dia saberia. Mas havia algo em seu jeito que me deixava convencido de que ela também carregava o mesmo peso da dúvida, do desejo sem palavras, da hesitação. Nos pequenos gestos, no simples desviar do olhar, havia um universo inteiro de sentimentos não expressos, que falavam diretamente comigo.

Era como se, de algum modo, tudo estivesse fora de lugar, mas ainda assim, tudo fazia sentido. A escola, que antes parecia um cárcere, agora era o único lugar onde eu podia vislumbrar a possibilidade de algo que ainda não entendia completamente. Era o contraste entre o que era dito e o que permanecia oculto, como um pacto silencioso entre mim e ela.

E então, havia o medo, esse constante companheiro. O medo de ser “um romântico” demais, de demonstrar sentimentos de forma intensa, de assustá-la com palavras que pareciam exageradas, desnecessárias. Medo de que, ao tentar me aproximar, acabasse a afastando, por ser muito ou talvez por ser “demais” para alguém que mal me conhecia. Mas, mesmo com todo esse receio, algo em mim se arriscava. Algo em mim se dizia que, talvez, fosse possível ter um pedaço de algo mais. A curiosidade, o medo e o desejo se misturavam, formando uma trama que eu não sabia como desatar.

E então, um dia, como uma lâmina afiada cortando o silêncio, ela enviou a mensagem. Um simples “oii”, mas que, para mim, soou como uma explosão de emoções, uma libertação. Todo o medo, toda a hesitação, todos os momentos de dúvida se dissolveram ali, naquele “oii”. Ela havia rompido a barreira, ela havia me dado uma resposta, ainda que pequena. Mas para mim, foi grandiosa.

Foi nesse instante que compreendi: ela também sentia algo. Ela não estava alheia àquilo que estava acontecendo entre nós, mesmo que fosse difícil para ela expressar. Mais do que isso, ela compartilhava das mesmas inseguranças, dos mesmos medos. E, em um nível quase indescritível, ela também desejava algo mais. Um reflexo de mim mesmo, uma parte que eu jamais havia conhecido tão intensamente. Aquele “oii” não era apenas uma saudação, era uma promessa de possibilidades.

“Há momentos em que o silêncio diz mais do que qualquer palavra poderia expressar. São nesses pequenos gestos, nos olhares desviados, nas pausas não ditas, que os corações começam a falar uma linguagem que só eles entendem. O “oii” dela foi o fim do silêncio e o início de algo que nem eu, nem ela, poderíamos prever.”

04

O Medo do Rejeição e a Incerteza

Naqueles dias que se seguiram, as horas pareciam se esticar de uma maneira peculiar. Cada mensagem trocada, cada palavra escrita, se tornava um evento de grande significado, um ritual do qual eu não sabia se conseguia escapar. A ausência de Misty na minha vida, que até aquele momento era uma constante, agora se tornava uma presença constante nas minhas reflexões. Eu buscava maneiras de responder, mas havia sempre a dúvida que me paralisava. Como deveria me comportar? Qual seria a resposta certa para aquele primeiro “oi”?

Devo confessar que, naquele momento, o medo era algo quase palpável. O medo de ser rejeitado, de dar um passo em falso e afastá-la para sempre. Essas eram as sombras que rondavam minha mente. E como poderia ser diferente? Afinal, nunca soubera como lidar com esses sentimentos de forma plena. O que me era mais familiar eram os momentos de solidão, a companhia das minhas próprias incertezas, e eu não sabia se estava pronto para abrir essa porta e permitir que outra pessoa se aproximasse.

Sempre pensei que as relações, e especialmente as que envolvem sentimentos tão intensos, seriam algo natural, algo que se desenvolvia com o tempo. Mas com Misty, tudo parecia diferente. Era uma energia nova, algo que eu não havia experimentado antes. E isso, por mais que fosse excitante, também me amedrontava. Eu sentia que o momento de agir, de dar um passo adiante, estava se aproximando, e isso me deixava ainda mais tenso, com os pensamentos turvados pela ansiedade.

Misty, no entanto, parecia ser diferente de todas as outras pessoas com quem eu tinha tentado me aproximar. Ela não fazia questões de minha insegurança. Ela, ao contrário de mim, parecia saber exatamente o que queria, e isso, de certa forma, me dava um pouco

de consolo, mas também me fazia sentir ainda mais pequeno. O medo da rejeição foi se tornando uma sombra cada vez mais imponente, mas eu sabia que tinha que enfrentá-lo. Era, talvez, a única maneira de realmente avançar.

Foi nesse contexto de insegurança, de uma mistura de esperança e medo, que começamos a conversar. As mensagens se sucediam, e a cada resposta minha, a cada interação, a sensação de desconforto ia se tornando mais distante. Sim, ela não se importava com a minha altura, algo que sempre foi uma preocupação constante para mim. Eu, que havia cultivado por tanto tempo a insegurança sobre esse aspecto de minha aparência, me via aliviado. E ali estava ela, tratando-me como qualquer outra pessoa, sem os preconceitos que eu imaginava que outros poderiam ter.

Era como se, pela primeira vez, eu fosse visto não pelos meus defeitos, mas pela minha essência. Ela estava ali, não me julgando, não me pressionando, e, no entanto, eu sentia que a carga emocional de nossos encontros virtuais era imensa. Como poderia não ser? Eu me via como uma pessoa frágil, alguém que se esconde atrás de um muro de sentimentos reprimidos, e Misty parecia ser a força que poderia desmoronar essa barreira. Mas, ao mesmo tempo, a pressão que eu sentia estava sempre ali, como um peso no meu peito. Ela não sabia disso. Ou talvez soubesse, em alguma medida, sem que eu precisasse dizer.

Então, comecei a me abrir mais com ela, a compartilhar um pouco de minha vida, a mostrar, sem querer, minhas vulnerabilidades. Era uma sensação estranha, porque nunca havia feito isso antes. Nunca havia compartilhado tanto, nem mesmo com os poucos amigos que eu tinha. Mas com Misty era diferente. A cada mensagem, eu me sentia mais próximo dela, mais conectado, mais perdido nas sensações que ela despertava em mim. E, com isso, o medo da rejeição foi se transformando. Mas ainda não o havia superado completamente.

Foi então que, num desses momentos em que conversávamos, ela me disse algo que nunca poderei esquecer. “Você me faz bem”, ela disse, de uma forma tão simples, mas ao mesmo tempo tão profunda, que as palavras ficaram gravadas em minha mente como um eco. Como alguém poderia dizer algo assim, com tanta naturalidade, sem perceber a grandeza do que estava transmitindo? Eu me senti tocado de uma forma que não sabia descrever, como se uma corrente elétrica tivesse passado por mim, desestabilizando todo o meu ser.

E com isso, veio o primeiro vislumbre de algo mais. Algo que eu ainda não conseguia definir, mas que já estava presente, de forma sutil, nas nossas interações. Eu estava apaixonado por ela, muito antes de um beijo, muito antes de qualquer tipo de manifestação física. O que me atraía, o que me fazia querer estar perto dela, era sua alma, sua maneira de ser. Era a maneira como ela olhava o mundo, como ela se movia nele, com uma leveza que eu nunca soubera experimentar.

Então, sem perceber, eu comecei a entender que aquele momento, aquele pequeno “oii” no início de julho, estava me levando por um caminho que eu não poderia mais ignorar. Eu estava me apaixonando por ela.

“Amar você começou como um sussurro na alma, algo que eu não compreendia, mas que me fazia desejar estar perto, mesmo sem saber como me aproximar.”

05

O Primeiro Contato e o Templo de Incertezas

À medida que os dias se passavam, as conversas com Misty se tornavam mais intensas, mais frequentes, e, de alguma forma, mais reais. As palavras digitadas em um teclado, à primeira vista tão simples e banais, agora carregavam consigo uma carga de sentimentos que eu não sabia como lidar. Algo havia mudado dentro de mim. E era inevitável não perceber isso. Como algo tão pequeno, como um “oii” casual, poderia desencadear uma cadeia de eventos tão profundos? Como podia ser que, em um simples ato de clicar em uma tela, uma pessoa pudesse alterar a direção de toda uma vida? Eu sentia que as coisas estavam além do meu controle.

O que eu temia, na verdade, não era o simples fato de me envolver, mas a profundidade do envolvimento. Eu sabia que estava me entregando a algo maior do que eu poderia compreender. Misty tinha essa habilidade: ela me fazia sentir que, de alguma maneira, todas as minhas inseguranças não eram mais relevantes. Ela, com sua forma única de ser, com seu jeito de olhar o mundo, parecia me entender de uma maneira que ninguém mais conseguiria. E isso, claro, me confundia profundamente.

Aquele momento de confissão na igreja, quando nos esbarramos pela primeira vez, ainda ecoava em minha mente. Eu me lembrava daquele instante, daquela sensação quase mágica de um choque silencioso que causou em meu coração. Como eu poderia descrever isso? Como poderia expressar em palavras algo que parecia impossível de ser articulado? Eu me sentia como um homem em frente a um vasto oceano desconhecido. A primeira impressão que tive dela, tão fugaz, tão momentânea, foi de uma beleza incompreensível. E, ao mesmo tempo, uma sensação de distância, de algo inalcançável.

Não sabia seu nome, não sabia de onde vinha, mas já sabia que algo em mim havia mudado para sempre.

Mas isso não significava que eu soubesse o que fazer com esses sentimentos. Não, não sabia. Eu, que nunca havia me permitido experimentar os profundos meandros de um relacionamento, me via agora à mercê de algo que, eu temia, me arrastaria para um território desconhecido. Eu me via ali, perdido, sem rumo, preso entre a ânsia de conhecê-la melhor e o medo de ser rejeitado. E esse conflito, esse impasse que tomava conta de mim, era o que me impedia de agir.

E então, a primeira mensagem: “oii”. Essas palavras, simples e despretensiosas, chegaram como uma avalanche. Era como se a barreira invisível que separava dois mundos fosse, de repente, quebrada. Uma parte de mim queria ignorá-las, esconder-se no silêncio, mas havia outra parte, aquela que era movida pela esperança, pela possibilidade de algo mais, que queria desesperadamente responder. O que eu faria? Como poderia responder a isso sem parecer excessivamente ansioso, sem parecer um tolo?

Essas perguntas se torciam em minha mente enquanto os segundos se esticavam como se fossem horas. Eu comecei a digitar e apagar, digitar e apagar, sem saber o que escrever, sem saber o que dizer. O medo de ser mal interpretado, de dizer algo idiota, tomava conta de mim. Mas o que mais me afligia era o pensamento de que, talvez, ela não quisesse mais falar comigo, de que, em algum ponto, a empolgação inicial dela fosse desaparecer, e que tudo isso fosse cair no vazio da indiferença. Como lidar com isso? Como aceitar o abandono, ou, pior, a indiferença, algo tão pior do que a rejeição explícita?

E foi aí que me lembrei do que ela me disse em uma das nossas primeiras trocas de mensagens. Algo sobre minha insegurança, sobre como ela percebia em mim um mundo de complexidade e, ao mesmo tempo, de uma fragilidade que eu não sabia esconder. Eu, que sempre busquei esconder minhas fraquezas, agora via essas fragilidades sendo aceitas de uma forma que jamais imaginei possível. E era isso que me fazia pensar: talvez, quem sabe, ela me aceitasse por completo, com todos os meus medos, com todas as minhas inseguranças. E essa aceitação... isso me levava a um lugar de conforto que, até aquele momento, nunca soubera existir.

Ainda assim, minha mente estava longe de estar em paz. A ansiedade, a incerteza, a dúvida, todas essas emoções se aglutinavam dentro de mim. Eu estava na borda de um

abismo emocional, sem saber se deveria saltar para abraçar o que a vida me oferecia, ou se deveria recuar, temendo que minha queda fosse fatal. Eu estava sendo, ao mesmo tempo, atraído e repellido por um destino que não compreendia.

E, em meio a tudo isso, surgiu uma verdade inescapável: o que eu sentia por Misty era algo real. Algo tão visceral, tão profundo, que não poderia mais ser ignorado. E, no entanto, o medo do fracasso, o medo de ser abandonado, ainda pairava sobre mim como uma sombra. Eu não sabia o que fazer com isso. Eu, que sempre busquei a paz da solidude, agora estava sendo puxado para um redemoinho de emoções contraditórias.

A mensagem havia sido enviada. Ela, com sua simplicidade desconcertante, havia quebrado o gelo. E o que eu faria com isso? Eu sabia que o próximo passo seria meu. Eu precisava dar um passo à frente, ou tudo o que construímos até aquele momento desmoronaria. Mas o medo, ah, o medo... Ele ainda estava lá, presente em cada palavra que eu digitava.

“Quando você me encontrou nas redes sociais, senti que o destino estava nos unindo, mesmo que de forma tímida. Cada curtida era um pequeno passo em direção ao seu mundo.”

06

O Limiar da Incerteza

A conversa fluiu, aos poucos, de maneira estranha, quase como se estivéssemos dançando em um salão vazio. Cada palavra parecia se encaixar com a hesitação de uma parte de mim que se sentia constantemente à beira de um precipício, mas que, ao mesmo tempo, não queria mais recuar. Era a sensação de estar prestes a mergulhar em águas desconhecidas, com uma mistura de medo e fascinação. A ansiedade ainda me dominava, claro, mas, ao mesmo tempo, havia uma vontade crescente de seguir adiante. Algo em mim clamava por isso. Algo que eu não sabia identificar completamente, mas que agora se tornava impossível ignorar.

Ela continuava ali, do outro lado da tela, e as palavras que trocávamos tinham algo de mágico. Não eram palavras vazias, ditas por obrigação. Não, essas palavras tinham peso, tinham significado. Cada uma delas parecia sussurrar segredos, contar histórias não ditas, e aquilo era, ao mesmo tempo, maravilhoso e desconcertante. Eu, que sempre havia me mantido à margem, que sempre fugira do confronto emocional, me via agora imerso em um turbilhão de sentimentos que eu não sabia como lidar.

É curioso, não? Como as palavras, tão pequenas e aparentemente insignificantes, podem carregar em si um poder que transforma toda a nossa percepção da realidade. Algo tão simples quanto um “oi”, um cumprimento que, em outra circunstância, poderia ser uma troca banal, agora se tornava a chave para um mundo novo, um mundo que eu não sabia se estava pronto para explorar.

Em meus momentos de reflexão, eu me perguntava se não estava, talvez, me perdendo na ilusão de algo que nunca seria real. A minha mente, sempre tão propensa ao pessimismo, à análise excessiva, à autocrítica, não me deixava em paz. Eu temia que, no

fundo, Misty fosse uma miragem, uma fantasia que eu havia criado para preencher o vazio que habitava em meu coração. Eu havia me apaixonado por ela antes mesmo de a conhecer de fato, antes mesmo de termos nos encontrado fisicamente. Mas o que significava isso? O que era, de fato, essa paixão? Seria ela apenas o reflexo da minha própria solidão, da minha carência emocional, ou seria algo mais, algo verdadeiro?

E essa pergunta não me deixava tranquilo. Eu sabia que, ao buscar respostas para ela, estava me afundando ainda mais na minha própria insegurança. Mas como poderia ser diferente? Como poderia me entregar a algo sem questionar, sem analisar, sem tentar entender o que realmente estava acontecendo dentro de mim?

Foi então que, em uma dessas noites, enquanto conversávamos sobre coisas banais, sobre o que fizemos no dia, sobre a escola, sobre a vida, Misty fez algo que me pegou de surpresa. Ela mencionou o TikTok, a rede social que havia sido o ponto de partida para a nossa conexão. “Vi um vídeo seu outro dia”, ela disse de forma casual. Mas aquelas palavras, ditas com uma simplicidade que eu mal podia compreender, tiveram um impacto profundo em mim. Como assim ela havia visto algo meu? Como ela se importava a ponto de ter notado um vídeo que eu, por acaso, havia postado? Eu, que sempre me sentia invisível, que sempre achava que minhas pequenas ações passavam despercebidas pelo mundo, agora via alguém do outro lado da tela se interessar, se importar, de alguma forma.

Eu me peguei pensando naquele momento na igreja, quando nossos olhares se cruzaram pela primeira vez. Naquela época, quando não sabia sequer seu nome, eu mal poderia imaginar que algo tão simples quanto um vídeo na internet poderia nos aproximar tanto. Ela, que antes era uma figura distante, agora estava ali, conversando comigo, fazendo parte da minha realidade. E eu, por mais que tentasse evitar, não conseguia negar que, a cada conversa, a cada mensagem trocada, me sentia mais e mais atraído por ela.

E então, o momento chegou. Ela me mandou a mensagem: “oii”. A sensação de estar sendo observado, de estar sendo notado por alguém que, até então, era um ser inatingível, me deixou sem palavras. A ansiedade, o medo de ser rejeitado, de não corresponder às expectativas dela, tudo isso tomou conta de mim. Mas, ao mesmo tempo, havia uma parte de mim que queria mais. Uma parte que não queria se esconder, que não queria fugir. Essa parte de mim estava sedenta por viver essa experiência, por finalmente deixar as inseguranças de lado e se lançar no abismo da incerteza que, ao mesmo tempo, prometia ser o maior aprendizado de minha vida.

A mensagem, simples, mas carregada de significado, que ela enviou, mexeu com algo dentro de mim. Não era apenas um cumprimento; era a chave para uma porta que, até aquele momento, eu havia mantido trancada, com medo de o que poderia encontrar do outro lado. Eu sabia que precisava agir, que precisava responder, mas a dúvida ainda persistia. Como responder a uma pessoa que, de algum modo, já havia me conquistado? Como manter a calma diante de algo que me fazia sentir tão vulnerável, tão exposto?

A decisão, no entanto, não demorou a ser tomada. Eu sabia que não poderia mais viver nessa incerteza. E, de alguma forma, eu confiava em Misty. Ela, com sua maneira de ser, com seu jeito tão particular de olhar o mundo, havia criado em mim uma confiança que eu nunca soubera que possuía. E foi essa confiança que me deu coragem para responder. O que disse? Não me lembro com precisão. Mas sei que foi algo simples, algo que refletia exatamente o que eu sentia naquele momento: um desejo imenso de continuar a conversar, de conhecer mais, de explorar o que, até então, parecia tão distante.

Foi assim que as coisas começaram a se desenrolar. As mensagens se sucediam, rápidas, espontâneas, como se o tempo não fosse mais uma preocupação. E, ao mesmo tempo, como se, naquelas trocas de palavras, eu estivesse finalmente encontrando a minha verdadeira essência. Eu, que sempre busquei me esconder, que sempre evitei a proximidade, agora me via à mercê de um sentimento avassalador que não sabia como controlar. Eu estava me apaixonando por ela. E o mais estranho disso tudo é que, apesar de todas as minhas inseguranças, apesar de todo o medo que ainda habitava em mim, eu não queria mais lutar contra isso. Eu queria vivê-lo, me entregá-lo, sem mais dúvidas, sem mais perguntas.

“Meu silêncio não era falta de vontade, mas medo. Eu queria tanto ser perfeito para você que o receio de falhar quase me paralisou.”

07

O Primeiro Encontro

Era uma tarde quente de julho, e eu estava aguardando, de coração acelerado, o momento que eu sabia que chegaria. Mas, ainda assim, parecia que nada poderia preparar minha mente para o impacto que ele teria sobre mim. O que, para mim, era uma simples saída, algo que deveria ser natural, estava se tornando um evento de proporções imensas, um teste de minha própria resistência emocional. Eu estava nervoso, talvez até mais do que deveria, mas havia algo em mim que parecia querer gritar, de um modo desesperado: “Eu não estou preparado! Não estou pronto para isso!”

Eu me recordo de ter olhado para o relógio inúmeras vezes enquanto me preparava para sair. Cada movimento parecia lento, como se o tempo tivesse decidido desacelerar para me torturar ainda mais. Eu sabia o que estava por vir. Eu sabia que, a partir daquele momento, as coisas começariam a mudar. Nada seria mais como antes. E, naquele momento de antecipação, uma voz interior me disse que nada mais voltaria a ser simples. As coisas já não seriam fáceis. E, por mais que eu tentasse disfarçar, era impossível esconder o quanto aquilo me aterrorizava.

Misty, com seu jeito tão encantador, com sua maneira de ser que parecia refletir uma realidade à parte, era, para mim, algo quase inacessível. Mesmo agora, enquanto me preparava para vê-la pela primeira vez fora das mensagens digitais, eu sentia um medo primitivo, um medo de falhar. Aquele medo de ser rejeitado, de não ser suficiente, estava ali, quase palpável, como um peso sobre meus ombros. Eu me perguntava se ela me veria da maneira como eu a via, se, ao me encontrar pessoalmente, ela perceberia minhas inseguranças, meus defeitos, que eu, na minha visão distorcida, imaginava serem tão evidentes.

Era esse o dilema que me consumia enquanto me aproximava do local do encontro. Eu não tinha certeza do que esperar. O que poderia ser mais aterrorizante para alguém como eu, que sempre se manteve à margem da vida, do que a aproximação de alguém que, na minha visão, era tão perfeita? Era como se a minha percepção de mim mesmo fosse totalmente alterada na presença dela. De alguma forma, Misty tinha o poder de fazer com que eu me sentisse como um ser menor, uma criatura frágil que não sabia como lidar com a beleza do mundo à sua volta. Ela era como uma estrela, e eu, um simples ser humano, preso às limitações da minha própria existência.

O lugar onde combinamos de nos encontrar não poderia ser mais comum, mais simples. Era apenas uma cafeteria, um café modesto na esquina de uma rua movimentada, onde as pessoas passavam sem prestar muita atenção. E, talvez, fosse isso que eu precisasse. Algo que, de algum modo, tirasse a magnitude da situação e a tornasse mais acessível, mais humana. Eu sabia que, dentro de mim, o peso da expectativa seria forte, mas eu também sabia que, se fosse me perder nesse sentimento, eu acabaria afundando em uma espiral de angústia que me arrastaria sem piedade.

Quando ela apareceu, algo dentro de mim se rompeu. Ela não era mais a figura distante que eu imaginava em meus pensamentos, ela não era mais a musa intocável. Não. Ela estava ali, diante de mim, com um sorriso que parecia iluminar o ambiente ao seu redor. E, naquele momento, eu sabia que a minha vida não seria mais a mesma. Nada seria mais como antes. E, ao mesmo tempo, eu estava completamente perdido nesse novo sentimento, nesse novo mundo que ela havia, de alguma forma, criado para mim.

Ela estava vestida de maneira simples, mas havia uma aura nela que tornava qualquer peça de roupa que usasse única, especial. Era como se ela tivesse o poder de transformar qualquer coisa em algo digno de admiração. Não era apenas a beleza dela que me fascinava, embora fosse algo inegável. Não. Era a maneira como ela se apresentava ao mundo, a forma como sua presença parecia preencher o espaço de maneira sutil, mas poderosa.

Eu a observei por um momento antes de me aproximar. O que eu queria, o que eu desejava mais do que tudo naquele momento, era que as palavras, as frases, viessem facilmente. Mas, claro, nada foi tão simples. As palavras escaparam de mim, como se estivessem presas em um labirinto dentro de minha mente, não sabendo como sair. Como eu poderia falar de maneira natural quando o meu coração estava em descompasso, quando minha alma estava imersa em um mar de sentimentos contraditórios? Como eu poderia simplesmente ser eu mesmo diante de alguém que eu admirava tanto, alguém que, de alguma forma, eu via como mais que humana?

E, apesar do meu nervosismo, ela me olhou com uma calma que parecia tirar um peso do meu peito. Ela, com sua maneira de ser, não se importava com a minha ansiedade, com as palavras que eu hesitava em dizer. Ela, simplesmente, estava ali, em silêncio, aguardando, como se soubesse exatamente o que se passava em minha mente, como se soubesse que as palavras viriam no momento certo.

Com um esforço imenso, consegui dizer algo. Não era uma grande frase, não era uma declaração de amor, não era nada grandioso. Era apenas uma simples saudação, algo para quebrar o gelo, algo para começar. Mas, ao dizer aquelas palavras, algo em mim mudou. Algo dentro de mim se abriu. Eu sabia que, por mais simples que fosse aquele momento, ele significava o início de algo maior. Algo que eu não poderia prever, mas que, de alguma forma, já estava acontecendo.

A conversa, aos poucos, foi se desenrolando, e as palavras começaram a fluir de maneira mais natural. Eu sentia uma conexão, uma ligação que, de alguma forma, era mais forte do que qualquer palavra ou gesto. Era como se o tempo, por um instante, parasse, como se estivéssemos em um espaço à parte, onde nada mais importava. E, naquele momento, eu percebi que o que eu estava vivendo era algo único. Algo que, mais tarde, eu entenderia como a maior bênção que a vida poderia me oferecer. Era um momento de verdade, um momento de descoberta, não apenas de Misty, mas de mim mesmo, de quem eu era quando estava perto dela.

Eu me apaixonei ainda mais por ela naquela tarde, e não era apenas pela sua beleza, nem pela maneira como ela olhava o mundo. Era, principalmente, pelo modo como ela me fazia sentir. Ela não me julgava, não me via como um ser frágil, como eu me via. Ela estava ali, com uma paciência silenciosa, como se fosse parte de um universo maior, onde tudo fazia sentido. E eu, perdido nesse novo sentimento, me dei conta de que, talvez, fosse esse o verdadeiro significado do amor: um estado de aceitação, de pertencimento, de sentir-se, finalmente, em casa.

“Aquele ‘oii’ mudou minha vida. Foi como uma porta aberta para um mundo onde eu finalmente poderia me conectar com você sem medo.”

08

A Mensagem

Era como se o tempo tivesse se arrastado até aquele momento, e eu mal conseguia processar o que estava acontecendo. A leveza da conversa, o sorriso de Misty, e a sensação que eu tinha de que, de alguma forma, a vida me proporcionava algo extraordinário, tudo isso se misturava em minha mente como uma tela incompleta, onde as cores ainda estavam sendo desenhadas aos poucos. Aquele primeiro encontro, embora simples e aparentemente sem grande significado para o mundo em geral, significava para mim o início de algo que estava além de minha compreensão. Eu sabia que minha vida tomaria um rumo diferente a partir dali, mas o que eu não sabia era como isso iria se desenrolar, como os sentimentos que surgiram em meu coração começariam a moldar a realidade que eu havia até então conhecido.

O que me aterrorizava, ao mesmo tempo, era o fato de que eu não sabia como agir. Eu, que sempre fui um romântico, alguém que se perdeu nas páginas dos livros e nas histórias de amor impossíveis, estava agora diante da mais pura realidade do que é o afeto. E, no fundo, sentia um medo visceral de falhar, de não ser digno daquilo que estava diante de mim. Como poderia eu, com todas as minhas inseguranças, com toda a minha bagagem emocional tumultuada, ser digno da atenção de alguém como Misty? Ela parecia ser tão segura, tão capaz, enquanto eu me via como uma alma fragmentada, sem rumo, procurando por algo que não sabia definir.

O primeiro contato depois do encontro real não demorou a chegar. Uma mensagem simples, direta, mas que, para mim, foi como um raio de luz em meio à escuridão. O telefone vibrou em minhas mãos, e, ao olhar para a tela, a mensagem estava lá: “oi!”. Como algo tão simples poderia causar um efeito tão profundo? Meu coração disparou imediatamente. Eu, que sempre fui uma pessoa introspectiva, que preferia o silêncio à exposição, me vi num turbilhão de emoções. Eu sabia que, naquele momento, tudo seria

diferente. A simples palavra “oi” representava mais do que um simples cumprimento; era uma janela aberta para algo novo, para uma possibilidade que, até então, eu não tinha coragem de explorar.

Eu fiquei ali, parado, olhando para a tela por vários segundos, tentando processar o que aquilo significava. Eu, que temia o contato humano, o olhar das pessoas sobre mim, estava agora diante da oportunidade de falar com ela. A tentação de não responder, de esperar um pouco mais, de me esquivar e me esconder em minha zona de conforto, era grande. Mas, algo dentro de mim, uma força que eu mal compreendia, me impelia a dar o próximo passo. O medo de falhar, de ser rejeitado, não poderia me paralisar. Eu precisava, de alguma forma, agir.

Com mãos trêmulas, comecei a digitar a resposta. Cada palavra parecia ser cuidadosamente escolhida, como se cada uma delas tivesse o poder de mudar o curso de tudo. Eu não queria parecer apressado demais, nem excessivamente nervoso, mas também não queria que o silêncio fosse interpretado como desinteresse. O equilíbrio entre ser autêntico e não parecer vulnerável demais me consumia. E, por mais que eu tentasse manter uma fachada de calma, era impossível esconder o turbilhão emocional que se passava dentro de mim.

Finalmente, enviei minha resposta. Era simples, como deveria ser: “Oi, tudo bem?”. A tensão que sentia ao apertar o botão de envio era quase insuportável. Eu fiquei olhando para a tela por um momento, como se esperasse que as palavras de Misty aparecessem instantaneamente, como se o mundo tivesse de parar para me dar essa resposta. E, claro, logo veio a resposta dela. Era uma mensagem breve, mas que me fez sentir como se estivesse sendo envolvido por uma onda de calor, como se a conversa fosse um alicerce sendo construído entre nós dois, peça por peça.

— “Tudo bem, e você?” — ela respondeu, de maneira tão simples, mas com uma sensação de sinceridade que me tocou profundamente. Aquilo parecia tão genuíno, tão autêntico, que foi como se uma onda de alívio tivesse me tomado de assalto. Não era apenas uma conversa superficial, mas um momento de verdadeira conexão. Eu sabia que, ao menos por um breve instante, nós dois éramos mais do que apenas duas pessoas trocando palavras. Estávamos nos conhecendo, realmente, de uma maneira que ia além do físico, além do óbvio.

A conversa seguiu, com mais naturalidade do que eu imaginava. O medo que eu carregava, o receio de que a conversa se arrastasse e se tornasse um fardo, foi se

dissipando aos poucos. Ela estava ali, disposta a conversar, disposta a me conhecer. E, embora eu não tivesse a menor ideia do que fazer com isso, a sensação de estar sendo compreendido, de estar, finalmente, recebendo atenção de alguém que não me julgava, me trouxe um conforto imenso. Era como se Misty, com sua presença tranquila, fosse o ponto de equilíbrio que eu tanto buscava, a âncora que me impedia de ser levado pelas minhas próprias inseguranças.

A conversa foi se desenrolando de maneira natural. Falamos sobre coisas simples, como a rotina, as férias que começavam, o que íamos fazer nos próximos dias. Eu, sempre um pouco tímido, não sabia exatamente o que mais dizer. Mas Misty parecia não se importar. Ela me fez sentir que minhas palavras, por mais simples que fossem, eram válidas. Eu não precisava ser extraordinário. Eu não precisava ser alguém além de quem eu era.

O que mais me tocava era o jeito como ela se preocupava com a gente, com a conexão entre nós. Ela me perguntou sobre como eu estava, o que estava fazendo, e, sem perceber, eu me abri mais do que imaginava. Falei sobre os meus medos, sobre o que estava acontecendo na minha vida, e ela, com uma paciência que eu nunca imaginei ser possível, ouviu tudo. Ela me fez sentir que eu não estava sozinho, que havia alguém ali disposto a me entender, a compartilhar um pedaço da vida comigo.

Eu, que sempre me senti um romântico, uma pessoa que vive em seus pensamentos e sonhos, estava agora sendo arrastado para a realidade. E, por mais que a realidade fosse algo que eu temia, algo que sempre procurei evitar, estava começando a perceber que, talvez, fosse nesse momento que eu encontraria a verdadeira felicidade. E, ao mesmo tempo, o medo de perder essa oportunidade, o medo de falhar, me consumia. Eu sabia que ainda estava apenas começando a compreender tudo o que Misty representava para mim, mas, já, eu sentia como se tivesse muito a perder.

“Misty, você foi minha salvação em um momento em que tudo parecia perdido. Sua presença deu sentido ao meu vazio.”

09

O Tímido Caminho da Afeição

A luz da manhã penetrava pelas frestas da janela do meu quarto, mas eu não conseguia tirar os olhos do meu celular. O brilho da tela iluminava meu rosto, e por mais que o mundo lá fora continuasse a sua rotina incansável, eu estava completamente preso ao que acontecia naquela pequena tela. Eu não sabia como agir, não sabia como me comportar. O peso da expectativa me esmagava, e, ao mesmo tempo, o calor de uma estranha esperança tomava conta do meu peito. Ela estava do outro lado, tão próxima e, ao mesmo tempo, tão distante. E, enquanto isso, eu me questionava: será que ela realmente me via? Será que ela, em meio a todos os outros, me notava de alguma forma? Ou era apenas mais uma interação efêmera, destinada a desaparecer com o tempo, como tantas outras antes dela?

Mas, algo me dizia que não era assim. Algo em mim, algo profundo e irrefutável, me dizia que aquilo era diferente. Ela era diferente. Misty, com sua simplicidade e beleza única, me fazia sentir algo que eu jamais tinha experimentado antes. Era como se eu estivesse vivendo uma história que ultrapassava as limitações do cotidiano, como se estivéssemos, de alguma forma, fora do tempo e do espaço. Eu, um romântico, sempre fui movido por uma ideia abstrata de amor, mas agora eu me via frente a frente com o mais puro e concreto sentimento que já experimentei.

Naqueles primeiros dias, mesmo com toda a tensão que o medo da rejeição gerava, o simples fato de estar trocando mensagens com ela me preenchia de uma alegria que eu não sabia ser possível. Cada “oi”, cada resposta, cada simples palavra, era uma peça que se encaixava, uma promessa do que poderia vir a seguir. E, no entanto, havia sempre a dúvida. A pergunta que se repetia incessantemente em minha mente: será que ela realmente sentia o mesmo? Será que, em algum momento, ela olhou para mim com o mesmo olhar que eu a observava, com o mesmo sentimento que me consumia?

No entanto, algo dentro de mim, algo inexplicável, me dizia que, sim, ela também sentia. Era como se, nas entrelinhas das nossas conversas, nas pausas silenciosas, ela estivesse dizendo o que não conseguia expressar com palavras. Eu, por minha vez, tentava traduzir em palavras o que meu coração sentia, mas, muitas vezes, me via perdido, sem saber o que mais dizer. Eu, que nunca soubera expressar adequadamente meus sentimentos, agora me encontrava tentando construir uma ponte entre nós dois, uma ponte que, eu sentia, estava sendo construída com cuidado e respeito mútuos.

Quando ela respondeu ao meu primeiro “oi”, senti que algo dentro de mim se acendeu. Era como se uma porta tivesse sido aberta, uma porta para algo maior, algo que eu não sabia descrever, mas que eu ansiava viver. E, então, as palavras começaram a fluir mais naturalmente. Eu, que sempre fui introspectivo, me vi falando de coisas simples, mas com uma sinceridade que antes eu não sabia que possuía. E ela, com sua calma característica, me fazia sentir que não havia pressa, que não havia pressões para ser alguém que eu não era.

Lembro-me da sensação de leveza que senti quando começamos a conversar sobre nossas vidas. Era como se, naquele momento, ambos estivéssemos compartilhando não apenas palavras, mas pedaços de nossas almas. Eu falava de minhas inseguranças, de minha constante busca por algo que me preenchesse, e ela, com um cuidado que me parecia quase protetor, escutava. Não havia julgamento, não havia críticas, apenas uma aceitação que me era estranha, mas ao mesmo tempo reconfortante. E, por mais que eu tentasse disfarçar, a verdade é que eu estava me apaixonando por ela. Era algo inevitável, algo que não se poderia controlar.

Cada conversa era uma vitória, um passo em direção a algo maior, mas ao mesmo tempo um teste que me fazia questionar minha própria coragem. Eu, que sempre fui cauteloso demais, que hesitava até para dar um simples passo, estava agora diante da oportunidade de algo que poderia mudar minha vida para sempre. E, no entanto, o medo não desaparecia. Ele se misturava com a felicidade, com a ansiedade, criando um turbilhão de sentimentos que eu mal conseguia compreender. Eu, que nunca soubera lidar com o amor, com a proximidade de outra pessoa, agora me via profundamente envolvido em uma relação que parecia estar se formando diante de meus olhos.

Em cada mensagem, em cada conversa, Misty parecia se tornar mais real para mim, mais próxima. E, ao mesmo tempo, eu me afastava da minha própria realidade. Eu já não sabia mais quem eu era, ou, talvez, soubesse demais. A sensação de estar me perdendo em algo tão intenso, tão novo, era avassaladora. E, ainda assim, eu não

conseguia parar. Cada palavra trocada com ela era como um chamado que eu não sabia ignorar. Eu queria estar com ela. Eu queria conhecê-la mais profundamente. E, de alguma forma, ela também parecia querer me conhecer.

Mas, como sempre, o medo me acompanhava. O medo de que, em algum momento, ela se afastasse, o medo de que minha vulnerabilidade fosse demais para ela. Eu, que sempre vivi com o peso da insegurança, agora me via em um mar de emoções que eu não sabia como controlar. Eu desejava, com toda a minha alma, que ela sentisse o mesmo por mim. Mas, ao mesmo tempo, havia uma parte de mim que temia essa resposta. E se ela não sentisse? E se tudo isso fosse apenas uma ilusão, um engano da minha mente? Mas, a cada mensagem, eu me sentia mais próximo dela, mais envolvido em algo que já não parecia mais escapável.

Com o passar dos dias, as conversas foram se tornando mais frequentes, mais naturais. Eu me permitia, lentamente, abrir meu coração para ela. E, ao fazer isso, percebia que estava começando a confiar nela de uma maneira que nunca havia confiado em ninguém. Ela se tornou, sem que eu percebesse, uma presença constante em minha vida. As pequenas conversas se tornaram grandes diálogos, e, ao olhar para a tela do celular, eu sentia que ali, naquele espaço virtual, eu estava construindo algo real, algo que transcendia a simples troca de palavras.

“Cada encontro com você era um turbilhão de emoções, mas, no fundo, tudo que eu queria era ver você sorrir e sentir que estava ao meu lado.”

10

O Medo da Rejeição e a Esperança de um Novo Começo

Os dias se arrastavam, e, com cada novo amanhecer, eu me via mais imerso naquelas conversas, naquelas trocas de palavras que pareciam se tornar o centro de minha existência. Mas, ao mesmo tempo, eu sentia o peso de uma sombra pairando sobre mim. Ela estava ali, presente, mas, ao mesmo tempo, distante. Não havia nada explícito entre nós, e cada palavra minha era impregnada com a dúvida: será que ela me via da mesma forma que eu a via? Será que ela sentia a mesma intensidade de emoção? Eu, um romântico, não tinha experiência suficiente para perceber os sinais, para entender os pequenos gestos que poderiam indicar seus sentimentos. O que eu sabia era que ela me fascinava, e isso bastava para que meu coração se enchesse de uma paixão silenciosa, mas avassaladora.

Eu, que nunca soubera lidar com o medo da rejeição, me via agora diante de um abismo emocional, um precipício de inseguranças. Era uma sensação estranha, como se estivesse prestes a mergulhar em um mundo novo, mas sem saber se o chão seria firme o suficiente para me sustentar. Minha vida, que sempre havia sido pautada pela solidão e pela dúvida, agora parecia estar sendo invadida por algo que eu não sabia se estava preparado para receber. Eu a via ali, de forma distante, mas tão real ao mesmo tempo. E a pergunta que não me deixava em paz era: será que ela sentia o mesmo?

À medida que os dias se passavam, eu me encontrava cada vez mais ansioso. O simples fato de abrir as mensagens que ela me enviava já era motivo suficiente para um turbilhão de sentimentos. Eu queria responder com algo inteligente, com algo que fosse à altura da sua beleza e da sua inteligência, mas a cada palavra que eu escrevia, sentia-

me mais perdido. Eu sabia que estava construindo algo frágil, algo que poderia desmoronar a qualquer momento. E o medo de perder ela, o medo de que minha inadequação fosse demais para ela, me paralisava. Como poderia eu, um ser tão imperfeito, esperar que alguém tão extraordinária como Misty se interessasse por mim?

Ainda assim, eu tentava. Eu tentava em cada mensagem, em cada palavra, mostrar quem eu realmente era, sem esconder minhas fraquezas, minhas inseguranças. E, de alguma forma, ela parecia entender. Ela não parecia se importar com as minhas imperfeições, com as minhas falhas. Na verdade, ela parecia ver algo em mim que eu não sabia que existia. Algo que não era visível aos olhos dos outros, mas que, de algum modo, ela conseguia perceber. E isso me deixava confuso. Eu não sabia o que ela via, mas a sensação de que ela me via de uma forma única, de uma forma que ninguém mais via, me fazia querer me abrir cada vez mais. Queria mostrar-lhe o melhor de mim, queria que ela me visse não apenas como alguém que ansiava por seu afeto, mas como alguém capaz de ser digno de sua atenção.

Em meio a esses pensamentos e emoções contraditórias, algo inesperado aconteceu. Um dia, recebi uma mensagem dela. Um simples “oi”, mas que, naquele momento, pareceu um mundo inteiro de possibilidades. Meu coração disparou ao vê-la, e por um instante, tudo ao meu redor desapareceu. Eu não conseguia acreditar. Eu, que tanto temia que esse momento nunca acontecesse, agora me via diante daquilo que sempre sonhei, mas que nunca imaginei ser possível. Ela estava ali, prestes a me dar a oportunidade de algo que eu nem sabia como lidar.

Eu, com uma mistura de nervosismo e alegria, respondi com o que eu esperava ser uma resposta casual. Mas, no fundo, eu sabia que não conseguia ser casual. A verdade era que cada palavra minha estava carregada de uma esperança silenciosa, de um desejo profundo de que aquilo fosse mais do que apenas uma troca de palavras. Ela não sabia, mas, naquela mensagem, eu coloquei todo o meu ser. Eu não queria apenas ser alguém que ela conhecesse, queria ser alguém com quem ela pudesse compartilhar suas alegrias e suas tristezas, alguém em quem ela pudesse confiar. E, enquanto eu escrevia, percebia que, de alguma forma, eu estava me entregando a ela, sem saber se ela estava pronta para receber essa entrega.

Mas, então, ela me respondeu. E a simples troca de palavras entre nós, que parecia tão inocente, começou a crescer, a se expandir, a se transformar em algo maior. Eu, que antes temia o que poderia acontecer, agora me via ansioso pelo próximo “oi”, pela próxima troca de palavras que me fazia sentir, por um breve momento, que eu era algo mais do que apenas um romântico perdido em seus pensamentos. Eu era alguém real,

alguém que estava vivendo algo que poderia ser transformador. A cada mensagem, a cada conversa, eu me sentia mais próximo dela, mais envolvido na trama que começava a se desenrolar entre nós dois. E, ao mesmo tempo, eu me via mais distante de mim mesmo. O que eu era antes de Misty? Eu não sabia mais. O que me restava agora era apenas a esperança de que ela também estivesse sentindo o mesmo.

Eu desejava que ela me visse como eu a via. Eu desejava que ela enxergasse a profundidade do que eu sentia, a intensidade do que estava acontecendo entre nós. Eu queria que ela soubesse que, em cada palavra minha, havia mais do que simples palavras. Havia uma alma, havia um coração batendo desesperadamente por ela. Mas, ao mesmo tempo, havia a dúvida. A dúvida de que ela não visse o mesmo. A dúvida de que, por mais que eu tentasse, nunca seria suficiente. Mas, ainda assim, eu continuava a responder. Eu continuava a escrever, a falar, a me entregar, pois o simples fato de estar conversando com ela já era algo que valia a pena.

O tempo passou, e, em cada troca de palavras, em cada sorriso trocado através da tela, eu sentia que algo estava se formando entre nós. Algo que era mais forte do que qualquer medo ou insegurança. Era o começo de uma história, uma história que eu mal sabia como começava, mas que já estava escrevendo com cada mensagem, com cada conversa. E, enquanto isso acontecia, eu me via mais uma vez diante da mesma pergunta: será que ela sentia o mesmo? Será que ela, de alguma forma, via em mim o que eu via nela? E, por mais que a dúvida ainda me consumisse, havia algo em seu olhar, algo em suas palavras, que me dizia que sim. E isso, por mais simples que fosse, era tudo o que eu precisava para seguir em frente.

“Não me importava com o que eu tinha que abrir mão; tudo valia a pena para fazer você feliz. Seu sorriso era minha maior recompensa.”

11

A Primeira Mensagem e a Agonia do Desconhecido

O mundo parecia ter parado naquele instante, como se, em um único suspiro, todas as outras preocupações, as dúvidas, as incertezas, tivessem se desvanecido. Quando finalmente recebi aquela mensagem dela — um simples “oi” — algo dentro de mim se quebrou e, ao mesmo tempo, se construiu. Era um momento pequeno, quase insignificante à primeira vista, mas, para mim, representava o ponto de inflexão de tudo o que eu havia temido, do abismo de inseguranças e receios que me cercava. Eu olhava para a tela, e, apesar de cada palavra ser uma tentativa desesperada de me manter calmo, de dar uma resposta que fosse adequada, sabia que as palavras não podiam expressar a intensidade do que sentia. Ela, com um simples “oi”, tinha me arrancado da minha rotina, da minha vida anterior, e me lançado, sem piedade, em algo que era ao mesmo tempo maravilhoso e aterrador.

Eu olhava para aquele “oi” com a mesma intensidade com que se observa um espelho que reflete não apenas o que somos, mas o que poderíamos ser. Cada letra, cada vírgula, parecia vibrar com uma promessa de algo novo. E, no entanto, havia algo insuportavelmente angustiante naquilo. Eu estava perdendo o controle. Como um romântico perdido em suas próprias inseguranças, me via diante de algo que não sabia como administrar. Eu queria responder, mas o que eu poderia dizer? O que dizer para alguém que, ao me enviar aquelas poucas palavras, havia deixado a minha vida de pernas para o ar?

Eu não sabia. Como não saberia, mais tarde, o que fazer com tudo o que ela despertava em mim. A cada novo segundo que passava, eu me sentia mais e mais envolvido por ela,

não apenas pela sua beleza, mas pela maneira como ela parecia ser. Ela era como um enigma, algo que me atraía e me desconcertava ao mesmo tempo. Em suas palavras, eu via um reflexo do que eu poderia ser, do que talvez eu tivesse o potencial de ser. No entanto, ela também era um abismo, uma vastidão que me paralisava de medo. E aquele “oii”, tão simples e ao mesmo tempo tão carregado de implicações, era tudo o que eu tinha.

Minha mente, em um turbilhão de pensamentos, não conseguia processar adequadamente o que estava acontecendo. Eu queria ser algo que, no fundo, não sabia se era. Queria ser alguém digno daquelas palavras, daquela atenção. Queria ser mais, ser melhor, mas sabia que ainda era esse ser imperfeito, com seus medos, suas fraquezas, suas inseguranças. E, ainda assim, não podia deixar de desejar, com a intensidade de um homem desesperado, que aquele momento fosse mais do que um mero encontro de palavras, mais do que um instante fugaz no vasto oceano da vida. Eu queria que isso fosse o começo de algo maior, de algo que eu não soubera ainda como definir.

Tentei responder com calma, mas cada palavra que eu digitava parecia me trair. A simples noção de que aquilo poderia ser o início de uma história real, algo que fosse além das palavras e gestos vazios, me fazia tremer de ansiedade. Eu sabia que ela não poderia ver o turbilhão dentro de mim, não poderia perceber a tempestade que tomava conta da minha mente. Eu queria parecer tranquilo, mas a verdade era que eu estava a um passo de me perder em tudo o que estava acontecendo. O medo da rejeição, que sempre havia me atormentado, agora parecia uma sombra real, à espreita, pronta para engolir-me a qualquer momento. O que ela veria em mim, eu me perguntava? Será que ela conseguiria ver além do que eu parecia ser, além de minhas inseguranças, das minhas falhas, do meu pavor constante de não ser suficiente? Eu tinha que ser, de algum modo, mais do que eu era.

Porém, ao mesmo tempo, algo de inesperado acontecia. A cada nova mensagem dela, a cada palavra trocada, eu sentia uma sensação de aproximação, como se uma linha tênue, quase invisível, se estendesse entre nós. E isso, de algum modo, me dava coragem. Eu sabia que não estava sozinho nesse processo, que ela, de alguma forma, também estava se abrindo, também estava entregando algo de si. Era algo sutil, quase imperceptível, mas era real. Ela não me estava ignorando, ela não me estava tratando com indiferença. Ao contrário, ela estava ali, disposta a me dar um pedaço de si mesma, disposta a caminhar, com cautela, ao lado de alguém tão cheio de dúvidas e inseguranças como eu. E isso, mesmo que eu não soubesse como lidar com a situação, me dava algo pelo qual valia a pena lutar.

O que aconteceu a seguir foi um misto de alívio e apreensão. Eu, que tanto temia ser rejeitado, vi minha própria imagem refletida nas palavras dela. Ela parecia me compreender de uma maneira que eu jamais poderia ter imaginado. Em seus olhos, eu vi não apenas aceitação, mas uma curiosidade genuína sobre mim, sobre o que eu pensava, sobre o que eu sentia. Ela parecia ver em mim algo que eu mesmo ainda não conseguia entender completamente. E, ao mesmo tempo, isso me aterrorizava. Por um lado, era algo maravilhoso, mas, por outro, me fazia sentir vulnerável de uma maneira que eu não sabia como suportar.

A nossa conversa se desenvolvia de maneira quase casual, mas havia algo muito profundo por trás das palavras. Era como se estivéssemos dançando uma dança silenciosa, onde, a cada passo, a cada troca de olhares, íamos nos conhecendo mais e mais. E, à medida que o tempo passava, eu percebia que algo começava a mudar dentro de mim. Eu, que sempre vivera em um mundo de inseguranças, de medos, de distâncias emocionais, agora me via mais aberto, mais disposto a me entregar, a confiar. Mas, ao mesmo tempo, eu ainda tinha a sensação de que estava no limite de algo. Eu me sentia frágil, como se, a qualquer momento, a frágil linha que nos unia pudesse se romper. E, quando isso acontecesse, o que restaria? Eu não sabia. Mas, naquele momento, nada mais parecia importar. O que importava era que, por um breve segundo, eu tinha a sensação de que, com ela, eu poderia ser mais do que eu era, mais do que jamais imaginei ser possível.

Essa era a sensação que me dominava enquanto, dia após dia, nos aproximávamos. Eu, o romântico, que sempre vivera perdido em meus próprios pensamentos, agora me via a cada passo mais próximo de algo real. Algo que, até então, eu acreditava ser apenas um sonho distante.

“Seu sorriso, Misty, é algo que carrego comigo até hoje. Ele ilumina não apenas o seu rosto, mas todas as minhas memórias de nós dois.”

12

Título do capítulo

Eu não podia deixar de me inquietar, como se algum véu invisível estivesse encobrindo minha visão do futuro. Naquelas férias, a cada dia que passava, uma nova dúvida brotava dentro de mim, uma sombra que não me deixava em paz. De algum modo, comecei a acreditar que algo entre nós poderia desaparecer, algo insustentável, como se as palavras trocadas e os gestos trocados fossem feitos de algo tão efêmero que, num piscar de olhos, poderia se desvanecer. Sentia que ela poderia, talvez, cansar-se de mim — sim, essa era a verdade mais cruel que assombrava o fundo de minha mente. Quem sou eu, afinal, para manter o interesse de alguém como ela? Como poderia alguém tão cheio de falhas e inseguranças como eu continuar a ser interessante? Era uma ideia absurda, eu sabia, mas, ainda assim, ela se agarrava a mim como uma sombra, rastejando e rastejando, até se tornar uma presença constante e angustiante.

E é nesse ponto que a insegurança me tomava por completo. Sempre acreditei que o amor, para ser verdadeiro, precisava ser constante, imutável, e que qualquer mudança nesse equilíbrio seria uma falha irreparável. Eu me sentia imerso numa angústia que se aprofundava a cada mensagem trocada, a cada risada, a cada palavra simples, como se tudo o que fosse doce em nossa relação pudesse ser destruído em um único instante. Eu via, com uma clareza desconcertante, que algo em mim se quebrava a cada segundo em que ficava a imaginar que o que tínhamos poderia se esvair sem aviso. Eu me perguntava, em silêncio, o que a faria abandonar-me, o que, de fato, não fazia parte de quem eu era, mas que ainda assim se apoderava de mim: a inevitabilidade do fim.

Mas ela não me deixou ver isso. Não, ao contrário, ela me fez sentir que tudo estava bem. Não havia desinteresse, não havia impaciência. Não havia a menor indiferença nas palavras dela. Ela falava comigo como se nada fosse tão importante quanto a nossa conversa, como se, no meio das minhas incertezas, ela fosse a calma em meio à

tempestade. Era fascinante como a presença dela parecia se tornar um antídoto contra minhas inseguranças. Eu, um ser que sempre se questionava, que se via incapaz de oferecer algo sólido, encontrava em suas palavras a segurança que jamais soubera buscar dentro de mim. E, por mais que eu quisesse manter o controle, ela me fazia deixar-me levar, me permitia acreditar que talvez, só talvez, algo mais profundo estivesse nascendo entre nós. E, de algum modo, eu me entregava a essa crença, sem mesmo saber ao certo o que ela significava.

O alívio que senti ao perceber que ela continuava a falar comigo, que as mensagens não cessavam, era como se ela estivesse me segurando, impedindo que eu caísse em um abismo de dúvidas que me consumiam. Mas eu ainda tinha medo. Medo de que esse alívio fosse temporário, que ela pudesse, em algum momento, perder o interesse, cansar-se daquilo que eu representava. Ela me parecia tão perfeita, tão leve, tão cheia de vida, enquanto eu me afundava em minhas próprias angústias. Ela, com toda a sua presença serena e cativante, parecia carregar uma força que eu jamais possuía. Era como se eu, em minha fragilidade, estivesse me apoiando nela, mesmo sem pedir sua ajuda. Mas o que mais me assustava era a ideia de que ela poderia ver tudo isso e afastar-se. Eu me via como uma contradição, um ser que não era digno de seu tempo, de sua atenção. Mas ela insistia. Ela falava comigo, como se me compreendesse, como se minha dor fosse a dela, como se a simples troca de palavras fosse o suficiente para me curar. E, de certa forma, eu acreditava nisso. Eu acreditava que ela estava, realmente, ao meu lado.

Mas esse alívio, por mais reconfortante que fosse, também gerava uma sensação de dependência, de medo de que, ao fim das férias, ao fim do nosso tempo juntos, ela se afastasse, como se fosse uma maré que, inevitavelmente, retornaria ao seu leito original. E eu, por minha vez, me vi refém dessa maré, aguardando ansiosamente por um sinal de que o que estávamos construindo não era apenas um delírio de minha mente solitária. Eu desejava que ela me dissesse, de forma clara e indiscutível, que aquilo tudo era real, que a nossa ligação era algo sólido, algo que permaneceria, sem que o medo da partida a tornasse um mero reflexo temporário.

Eu me apaixonei por ela, não de forma grandiosa ou teatral, mas de uma maneira sutil, crescente, como uma flor que se abre lentamente, sem pressa. Eu me apaixonei por ela não pelo que ela me dava, mas pela maneira como ela me fazia sentir. Era como se, na sua presença, eu me visse refletido de uma maneira que nunca antes havia experimentado. Eu estava em silêncio, tentando entender o que estava acontecendo dentro de mim. Mas, mesmo assim, havia uma certeza que tomava conta de mim: eu me apaixonei por ela antes de qualquer beijo, antes de qualquer gesto mais íntimo. Eu me apaixonei pelo que ela era, pelo que ela representava, pela luz que ela trouxe para minha

vida, por sua presença serena, por seu olhar tão diferente e profundo. Eu me apaixonei por ela da maneira mais pura e sincera que se poderia imaginar.

E quando isso aconteceu, não foi algo estrondoso. Não foi como se a explosão de sentimentos tomasse conta de mim. Ao contrário, foi uma sensação suave, quase imperceptível, que crescia dia após dia. Eu não estava pronto para o que isso significava. Não estava preparado para a intensidade dessa paixão que, embora silenciosa, queimava de maneira constante. Não sabia se aquilo seria suficiente para mantê-la ao meu lado, mas eu acreditava que, pelo menos naquele momento, eu poderia me entregar àquela sensação de felicidade que ela me proporcionava.

Eu, um romântico por natureza, comecei a compreender que o amor, em sua forma mais pura, não exige pressa, nem grandiosidade. Ele simplesmente acontece, em um sussurro suave, em um olhar discreto, em um toque leve. Era assim que eu a via. E, enquanto ela permanecia ali, continuando a me falar com uma ternura que eu jamais soubera compreender, eu me deixava levar, cada vez mais, na correnteza desse amor silencioso, mas profundamente transformador.

“Mesmo quando as dificuldades surgiam, eu sempre quis resolver tudo, porque você era mais importante para mim do que qualquer erro ou discussão.”

13

Título do capítulo

Quando finalmente voltei para casa, senti um turbilhão de emoções que não consegui controlar. Não era mais o simples desejo de estar com ela; era a necessidade profunda, desesperada, de vê-la, de confirmar, de alguma forma, que aquilo que havíamos compartilhado durante aquelas semanas ainda tinha algum significado. Eu estava em casa, mas, na verdade, estava em qualquer lugar onde ela estivesse. A casa, que antes me parecia tão familiar, agora parecia uma prisão, uma cela que não me deixava escapar para onde meu coração ansiava ir. E então, impulsionado por uma força invisível que não consegui compreender, tomei a decisão de convidá-la.

Era uma decisão simples, no entanto, carregada de um peso imenso. De certo modo, aquela chamada para sair era a primeira verdadeira tentativa de concretizar o que até então havia sido um sonho, uma quimera criada no fundo da minha alma. Eu estava nervoso, extremamente nervoso, mais do que poderia admitir para mim mesmo. As palavras mal saíam da minha boca, e a cada segundo que passava, a ansiedade me consumia ainda mais. As mãos tremiam, o coração batia de forma descompassada, e eu me vi envolto numa angústia sufocante, como se o simples ato de falar com ela fosse uma tarefa hercúlea. Não sabia ao certo o que ela pensaria de mim. No fundo, eu temia que a realidade fosse mais cruel do que eu imaginava, que ela me olhasse e pensasse: “Este homem não é digno do meu tempo.”

E, no fundo, essa era a dor que mais me apertava. Não era o medo de um simples “não”. Não era o receio da rejeição imediata. Não, o que me atormentava era a sensação de que, mesmo que ela dissesse sim, eu seria incapaz de corresponder às expectativas que ela, talvez sem saber, tivesse de mim. Eu, com toda a minha fragilidade, com todas as minhas inseguranças, sentia-me diminuto diante dela. O que ela veria em mim? Um ser

imperfeito, uma alma atormentada, um coração que ainda tentava compreender os próprios sentimentos. O que poderia ser atraente ou digno em alguém como eu?

No entanto, para minha surpresa, ela aceitou. E, ao fazer isso, ela não só disse “sim” ao meu convite, mas também, de uma maneira silenciosa, me disse que eu não precisava ser perfeito. Que a presença dela, como um farol, iluminaria minhas sombras. E essa aceitação, esse simples gesto de concordar, se transformou em algo muito maior do que o simples ato de marcar um encontro. Era uma promessa implícita, uma mensagem que só eu conseguia ler nas entrelinhas. Ela queria estar comigo, e mais importante ainda, ela queria ver quem eu era por trás das minhas dúvidas, por trás das minhas inseguranças. Ela queria ver minha alma, não apenas minha aparência, não apenas minha figura. E, ao aceitar, ela me fez compreender que não havia necessidade de ser alguém que eu não era. Ela me aceitava com minhas falhas, com minha fragilidade. Esse simples fato me fez amá-la ainda mais.

Mas, ainda assim, o medo persistia. O medo de não ser suficiente, de não corresponder àquela expectativa que eu mesmo havia criado em minha mente. E eu sabia que, na verdade, era um medo infundado, porque ela não me pedia nada além de ser eu mesmo. Mas, como alguém que sempre viveu à sombra de suas próprias inseguranças, essa aceitação parecia surreal. Como alguém como eu poderia ser digno de tal atenção, de tal carinho? Mas, ao mesmo tempo, havia um consolo profundo em seu olhar, algo que me dizia, em silêncio, que talvez eu fosse digno, que talvez eu fosse merecedor de algo mais do que eu jamais imaginara.

Cada dia que passava, a ansiedade diminuía aos poucos, mas era substituída por uma nova sensação: o desejo profundo de estar ao seu lado. A cada encontro, a cada momento em que ela se aproximava de mim, eu me sentia mais e mais imerso nesse sentimento que parecia crescer de maneira incontrolável. Eu me apaixonava mais e mais, não apenas pela mulher que ela era, mas pela maneira como ela me fazia sentir, pela maneira como ela me fazia ver o mundo com outros olhos, mais esperançosos, mais brilhantes. E, mesmo quando minhas palavras falhavam, quando minha postura parecia hesitante, ela estava lá, com um sorriso tranquilo, que parecia me dizer que não havia pressa, que tudo viria no tempo certo. E eu, na minha aflição, passava a acreditar nisso. A acreditar que, talvez, o tempo tivesse algo a oferecer que eu ainda não conseguia entender.

Eu me apaixonei por ela, mais uma vez, sem qualquer aviso prévio, sem qualquer gesto grandioso. Foi algo tão pequeno e, ao mesmo tempo, tão imenso, que mal consegui perceber. Ela me encantava não pelo que fazia, mas pela maneira como estava presente.

E eu, mais do que nunca, me entregava a essa sensação, com a certeza de que não precisava ser mais do que eu era. Eu só precisava ser eu. E, ao ser eu, ela me fazia sentir que talvez, naquele momento, eu fosse o suficiente.

“Se falhei em me fazer entender, foi porque o medo de te perder me fez agir no impulso. Ainda assim, meu amor por você nunca vacilou.”

14

Título do capítulo

As coisas aconteceram com uma rapidez que, para mim, beirava o surreal. Eu, que sempre fui alguém de passos lentos, de hesitações infinitas, me vi preso em um turbilhão de acontecimentos que mal conseguia acompanhar. O que antes parecia distante, algo para ser desejado com a calma de quem sabe esperar, tornou-se, de repente, uma realidade que eu não conseguia mais controlar. Não se tratava apenas de um beijo — ah, o beijo! — mas de uma mudança profunda, de uma transformação interna que eu não sabia como digerir. Em um mês, tudo havia se acelerado. E, talvez, essa aceleração fosse o reflexo de algo dentro de mim, algo que eu não sabia compreender, mas que sentia de forma indiscutível: ela era a razão de tudo.

Conversamos por um mês, mas, no fundo, o tempo parecia ter uma natureza diferente quando estava com ela. Não era mais o tempo comum, aquele que se arrasta, que se arrasta interminavelmente. Não, era um tempo carregado de significado, de intensidade. Cada palavra trocada entre nós tinha o peso de um universo inteiro, e cada olhar parecia carregar uma promessa que se desdobrava no silêncio que pairava entre nós. Eu sabia que algo estava crescendo dentro de mim, algo que eu não conseguia compreender por completo, mas que me consumia com uma urgência estranha. E então, com a rapidez com que as coisas aconteciam, tomei uma decisão que, em minha mente, parecia tão natural quanto respirar: pedi-a em namoro. Foi após uma semana e meia do nosso primeiro beijo, um beijo que, por mais simples que fosse, carregava em si toda a intensidade de uma paixão ainda inexplorada.

Eu nunca fui alguém de grandes posses, sempre vivi com o que podia, com o que o destino me deu. Não havia grandes riquezas, mas havia algo que era mais precioso do que qualquer ouro ou qualquer tesouro que o mundo pudesse oferecer: a possibilidade de vê-la sorrir. E era isso que eu queria, mais do que tudo, mais do que qualquer outra

coisa no mundo. Era uma obsessão silenciosa, mas constante, essa necessidade de vê-la feliz, de fazer com que ela sorrisse. Não era apenas o sorriso, era o que ele representava: a felicidade dela, a alegria dela. Se eu conseguisse fazer com que ela sorrisse, então, de algum modo, eu teria feito algo certo. Eu estava disposto a dar tudo de mim para isso, e esse desejo se transformava em ações, em gestos pequenos, mas cheios de significado. Eu não tinha muito dinheiro, mas sempre que o conseguia, o guardava para ela. Era como se cada centavo fosse uma promessa de algo que eu queria fazer por ela, algo que eu achava que poderia trazer um pouco mais de alegria à sua vida.

Lembro-me de como gastava o pouco que tinha com coisas simples, como um açaí, ou algo que a fizesse sorrir. A cada pequena surpresa, a cada gesto, eu sentia que estava mais próximo dela, mais próximo de conquistar o que parecia ser o único objetivo da minha existência: o sorriso dela. Eu não tinha o que oferecer, mas tinha o que mais importava, ou ao menos era o que eu acreditava: meu coração, minha alma, e esse desejo insaciável de vê-la feliz. Eu me entregava a essa ideia com uma devoção que era, de certa forma, quase religiosa. Para mim, isso era mais do que um simples namoro, mais do que uma relação entre duas pessoas. Era a busca por um ideal, uma busca pela perfeição que eu via nela, uma perfeição que, para mim, não estava em seu corpo, mas em sua essência, em sua alma.

Ela, por sua vez, dizia que não gostava do seu sorriso, nem do seu corpo. Ah, como eu me sentia desconfortável ao ouvir isso! Não conseguia compreender como alguém poderia não ver o que eu via, como alguém poderia não perceber a beleza que emanava dela. Mas, em minha essência, eu sabia que não era o corpo que me encantava. Claro, seu corpo era lindo, perfeito, mas o que realmente me tocava, o que me fazia sentir algo que mal conseguia descrever, era o sorriso dela. O sorriso dela, com sua pureza, com sua simplicidade, com a forma como ele iluminava o ambiente, fazia com que o mundo ao nosso redor desaparecesse. Era como se, quando ela sorria, tudo à sua volta se tornasse irrelevante. E eu, impotente diante de sua beleza, me via completamente absorvido por ela, por esse sorriso que, ao mesmo tempo, me elevava e me destruí.

Eu não me importava com o corpo dela. Era uma aparência fugaz, algo que o tempo corroía, que a natureza transformava. O que me importava, o que eu amava, era a alma dela, que se refletia em seu sorriso, em seu olhar, em cada palavra que ela dizia. E, para mim, esse sorriso era tudo. Quando ela dizia que não gostava dele, meu coração apertava, como se eu estivesse perdendo algo precioso, algo que eu sabia que jamais poderia ser substituído. Mas, no fundo, eu sabia que ela não precisava entender o quanto ela era perfeita para mim. Eu via sua perfeição, e isso era o suficiente. Eu a via com olhos diferentes, com olhos de quem vê além da superfície, de quem sente o que é invisível a todos. E, para mim, isso fazia toda a diferença.

“A ideia de te perder era insuportável. E, no desespero, eu talvez tenha dito e feito coisas que não refletiam o quanto você significava para mim.”

15

Título do capítulo

O tempo, aquele fiel companheiro da nossa existência, parecia escorrer entre os dedos com uma rapidez que eu não conseguia explicar. Eu estava imerso em um mar de sentimentos, emoções contraditórias que se misturavam dentro de mim, e, ainda assim, não conseguia me afastar de Misty, como se ela fosse a única âncora que me impedia de afundar naquelas águas turvas da dúvida e do medo. Eu estava apaixonado, eu sabia disso, mas não entendia completamente o que isso significava. Nunca tinha vivido algo assim, algo tão avassalador, tão absoluto, algo que parecia consumir minha alma a cada segundo.

No entanto, as coisas começaram a mudar de maneira sutil, quase imperceptível. A cada dia que passava, eu sentia uma leve pressão em meu peito, como se algo estivesse se transformando, se tornando mais pesado, mais difícil de carregar. As pequenas discussões, os mal-entendidos que antes poderiam ter sido resolvidos com um sorriso, começaram a ganhar proporções maiores, mais complexas. Eu estava me esforçando para manter tudo bem, para que ela não se afastasse, mas, paradoxalmente, quanto mais eu tentava, mais parecia que a distância entre nós aumentava. Era como se o simples fato de tentar salvar algo, de lutar pela relação, estivesse, na verdade, causando mais danos do que eu jamais poderia imaginar.

Eu comecei a perceber que ela não era mais a mesma. Ou melhor, ela era a mesma, mas algo dentro dela estava mudando. E eu não sabia como lidar com isso. Ela estava se afastando, não fisicamente, mas emocionalmente. Eu, que sempre fui tão inseguro, agora me via atônito diante dessa mudança. Algo em meu coração se partiu, e a sensação de perda, de não saber mais o que fazer, me tomou de assalto. E, então, a realidade se impôs diante de mim, tão dura quanto uma lâmina afiada. A escola, os estudos, as responsabilidades começaram a pesar sobre seus ombros, e, em meio a tudo

isso, o relacionamento que havíamos construído parecia ser apenas mais uma carga, mais uma fonte de estresse que ela não conseguia carregar. Ela se afastava, não por falta de amor, mas por uma necessidade de se preservar, de respirar.

Eu tentava encontrar uma solução, algo que a ajudasse a encontrar equilíbrio, algo que a tirasse daquele abismo de angústia. Mas tudo o que eu fazia parecia ser em vão. A cada palavra minha, a cada gesto de carinho, eu sentia que ela se fechava mais. Era como se ela estivesse se afastando, não porque quisesse, mas porque não sabia mais como lidar com tudo o que estava acontecendo. Eu a via se perder em seus próprios pensamentos, se perder em sua própria dor. E isso me fazia sofrer ainda mais, pois, mesmo querendo ajudá-la, eu não sabia como. Eu não sabia como fazer com que ela visse que eu estava ali, que eu a amava, que eu faria qualquer coisa para aliviar seu fardo.

As discussões, antes tão pequenas, começaram a se tornar grandes, e as palavras que antes eram ditas com carinho passaram a ser lançadas com frieza. Eu sabia que estava errando. Eu sabia que estava falhando, mas, na minha desesperada tentativa de manter tudo intacto, acabei cometendo os piores erros. Fui impulsivo, e disse palavras que, no fundo, não refletiam o que eu sentia. Fui orgulhoso, e, ao invés de me render ao silêncio necessário, deixei que o desespero falasse por mim. E, como resultado, o abismo entre nós se aprofundou. Eu sabia que, a cada erro meu, ela se distanciava mais e mais. E a dor de ver isso acontecer era como um fogo consumindo tudo o que eu amava, tudo o que eu queria preservar.

Ela estava mudando, e isso me assustava. Mas o que mais me assustava era que, mesmo com todas as mudanças, eu ainda a amava. E o amor, esse sentimento que deveria ser algo puro, algo simples, estava se tornando cada vez mais uma carga. Eu estava tentando lutar contra a maré, tentando salvar o que já parecia estar perdido. E, ao mesmo tempo, eu sabia que estava fazendo o oposto: estava empurrando-a ainda mais para longe de mim. A cada tentativa de corrigir os erros, a cada gesto para reconquistar o que havíamos perdido, ela parecia se fechar ainda mais, como uma flor que, ao invés de se abrir ao sol, se fecha diante da tempestade.

Eu não sabia mais o que fazer. Cada passo que eu dava parecia errado. Cada palavra que eu dizia parecia empurrá-la ainda mais para fora do meu alcance. Eu estava perdendo ela, e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir. E, na minha impotência, fui consumido pelo medo. O medo de perdê-la para sempre. O medo de que, em algum momento, ela percebesse que tudo o que eu poderia oferecer era insuficiente. O medo de que, ao final, ela olhasse para mim e visse apenas o reflexo de um romântico

desesperado, alguém que não sabia lidar com o real, alguém que estava tentando, com todas as forças, não perder algo que já estava escorrendo por suas mãos.

“Quando você decidiu se afastar, eu entendi que seu bem-estar era mais importante do que meu desejo de estar com você. Mesmo assim, o amor permaneceu.”

16

Título do capítulo

Foi então que o que antes era uma relação doce, quase idealizada, se transformou em uma prisão silenciosa. Eu sentia isso, uma pressão crescente, uma sensação de que tudo o que eu tocava estava desmoronando. Não era uma angústia externa, algo que poderia ser facilmente explicado pelas circunstâncias; não, era algo que se desenvolvia dentro de mim, como uma doença silenciosa. Eu não conseguia mais compreender minhas próprias emoções, e o que antes me parecia claro, agora se tornava nebuloso, embaçado, como se eu estivesse tentando ver através de uma neblina espessa. E, pior ainda, eu sentia que Misty já não olhava para mim com os mesmos olhos. Algo havia mudado, e eu não sabia como ou quando isso aconteceu. Era como se, de repente, ela se tivesse transformado em uma figura distante, alguém a quem eu não podia mais alcançar.

As palavras que trocávamos, antes carregadas de carinho e compreensão, agora se tornavam cada vez mais curtas, mais frias, mais mecânicas. Eu tentava, com toda a minha força, encontrar algo que nos unisse novamente, algo que nos resgatasse do abismo que parecia crescer entre nós. Mas ela estava distante, tão distante, e minha própria insegurança parecia fazer com que tudo fosse ainda mais difícil. Eu estava me afundando na dúvida, no medo, na incerteza de não saber se ela ainda me amava, se ela ainda acreditava em nós. E, mais do que isso, eu estava me afundando em mim mesmo, em meus próprios pensamentos e inseguranças. Eu, que sempre fui um romântico, agora me via preso em um pesadelo, onde os sentimentos se misturavam e se tornavam impossíveis de distinguir.

Eu sentia que ela estava se perdendo em algo maior que ela mesma. Não era apenas o relacionamento, mas a pressão de sua própria vida, seus estudos, sua família, suas próprias expectativas. Ela estava tentando, mas eu via como isso a estava consumindo, como ela estava sendo engolida por um turbilhão de emoções e responsabilidades que

ela não sabia mais como lidar. E eu, por mais que quisesse ser seu apoio, não sabia como. Eu tentava ser compreensivo, tentava ser paciente, mas cada tentativa parecia ser em vão. Cada vez que eu estendia a mão, ela se afastava um pouco mais, e eu sentia que estava perdendo o controle, que estava perdendo a única coisa que realmente importava para mim.

O que começou como uma troca de olhares tímidos, uma troca de palavras doces e promessas, agora se transformava em um jogo de esconde-esconde emocional. Eu a via se afastando, e com isso, a dor dentro de mim só aumentava. O que eu temia desde o início, o que eu sabia que era um risco, estava acontecendo: ela estava se afastando, e eu estava perdendo ela. Eu não sabia como, mas eu sabia que a culpa era minha, que eu era o responsável pela ruptura. Minhas palavras impensadas, minhas atitudes impulsivas, minha falta de controle... tudo estava arruinando o que tínhamos construído.

E o mais difícil de tudo, o mais doloroso, era que eu não sabia como pará-lo. Eu não sabia como corrigir os erros que, sem querer, cometi. A cada tentativa de reconciliação, a cada gesto de carinho, ela parecia se fechar mais, como se estivesse criando uma barreira invisível entre nós. Eu, que sempre tentei ser o protetor, o romântico que poderia salvar a todos, agora me via desamparado, sem saber o que fazer, sem saber como trazer de volta a mulher que eu amava. Eu estava perdido, e o pior de tudo era que eu sabia que, por mais que eu tentasse, não havia mais nada que pudesse fazer para corrigir o que já estava quebrado.

Ela me dizia, com palavras suaves, que não me culpava, que a decisão era dela. E, ainda assim, eu me sentia culpado, como se tivesse falhado. Como se fosse minha responsabilidade consertar tudo. Eu a via se afastando, cada vez mais, e isso me consumia. A dor, a angústia, o peso do que estávamos perdendo, tudo isso se acumulava dentro de mim e eu não sabia mais como lidar com isso. Eu queria lutar, queria fazer algo, mas eu sabia que o pior erro que eu poderia cometer seria continuar tentando forçar algo que já estava quebrado. A dor de ver ela se afastando foi mais devastadora do que qualquer coisa que eu já tivesse experimentado.

“Ainda ouço o eco do seu adeus, Misty. Ele não destruiu meu amor, mas o transformou em esperança de um futuro onde possamos tentar novamente.”

17

Título do capítulo

Eu sempre tentei ser alguém que acreditava no amor como uma força inquebrantável, algo que transcende as dificuldades e supera os obstáculos. Eu me via como um romântico incorrigível, alguém que pensava que, com o tempo, tudo poderia se resolver, que tudo poderia ser salvo. Mas, naquele momento, eu estava vendo que esse amor que eu tanto idealizava parecia estar se desfazendo diante dos meus olhos. Eu queria, de todas as maneiras, acreditar que tudo não passava de uma fase, que era só um momento difícil, mas as evidências estavam ali, claras e implacáveis, como uma tempestade que não poderia ser ignorada. Ela, que antes parecia ser minha luz, estava se distanciando, se apagando lentamente. E eu, como sempre, me encontrava impotente diante dessa transformação.

Eu não sabia como expressar o que sentia. Minhas palavras pareciam inúteis, como se cada frase que eu tentasse formar fosse em vão, sem sentido, incapaz de alcançar o que realmente importava. E, no entanto, ela parecia entender, talvez mais do que eu, que as palavras não eram mais suficientes. Nós não estávamos mais nos comunicando, e o pior de tudo era que eu sabia que ela estava certa. Ela precisava de um tempo. Eu sabia que, por mais que fosse doloroso, isso talvez fosse o melhor para ela. Eu tinha que aceitar isso, mas o sofrimento de ver essa realidade se desenrolando diante de mim era insuportável.

Foi então que ela me escreveu. As palavras que ela usou estavam impregnadas de uma calma que eu não conseguia alcançar. “Precisamos de um tempo.” Não eram palavras duras, mas elas tinham o peso de uma decisão irrevogável, como um veredito que não poderia ser contestado. Eu me senti desmoronar, mas tentei manter a compostura. O que ela me dizia era uma verdade que eu já sabia, mas que, por algum motivo, ainda não

queria enfrentar. A decisão estava tomada, e, embora eu soubesse que ela estava certa, não consegui evitar o vazio que se instalou em meu peito.

Ela me disse que eu era uma pessoa incrível, gentil e carinhosa, mas isso, em vez de me consolar, só aumentou minha angústia. Como eu poderia ser tudo isso para ela e, ainda assim, ser o motivo de seu afastamento? Eu sabia que era uma questão mais complexa, que não se resumia a ser bom ou ruim, mas a uma série de fatores que estavam além do meu controle. Ela estava se perdendo em um turbilhão de sentimentos e pressões, e eu não sabia mais como ajudá-la, como ser o apoio que ela precisava. No entanto, ela me agradeceu, e essas palavras de gratidão, embora suaves, foram como um golpe, como se ela estivesse me dizendo que tudo o que fizemos, tudo o que compartilhamos, estava, de certa forma, sendo encerrado.

Fiquei em silêncio depois da mensagem. Eu sabia que, por mais que ela me dissesse que não havia mágoas, por mais que tentasse me acalmar, o abismo entre nós estava crescendo. Eu, que sempre fui guiado pela minha paixão, minha impulsividade, agora me via diante de uma escolha impossível: respeitar o espaço dela ou tentar desesperadamente reconquistar o que já estava perdido? Não sabia o que fazer, e isso me consumia. Eu estava perdendo ela, e eu não sabia como impedir. Minha mente estava cheia de pensamentos confusos, e cada lembrança dela, cada momento que passamos juntos, me fazia sentir ainda mais a dor da perda iminente.

Mas, no fundo, eu sabia que a decisão de dar um tempo era o que ela precisava. Ela precisava de espaço, de tempo para se reencontrar, para se curar de tudo o que estava pesando sobre ela. Eu, por mais que desejasse desesperadamente estar ao lado dela, sabia que, se realmente a amava, deveria ser capaz de deixá-la partir, mesmo que isso significasse perder a chance de um futuro juntos. Não era fácil, não era simples, mas o amor, no final das contas, também é sobre isso: respeitar as escolhas do outro, mesmo quando isso dói. E foi com esse pensamento que eu aceitei o que estava acontecendo, embora meu coração estivesse dilacerado.

“Saber que você não guarda mágoas me conforta, mas também me dá força para esperar. Ainda acredito que nosso amor tem uma chance de renascer.”

18

Título do capítulo

Após o silêncio que se seguiu à sua mensagem, eu me encontrei preso em uma espiral de pensamentos que pareciam não ter fim. Como poderia ter sido tão cego? Como pude permitir que as coisas chegassem a esse ponto? Eu tentava entender, mas não encontrava respostas claras. O vazio dentro de mim era imenso, e nada, nem mesmo as palavras que ela havia me dado, parecia ser capaz de preenchê-lo. Aquele “tempo” que ela mencionara não era um simples intervalo. Era uma linha invisível entre nós, uma linha que, uma vez cruzada, não poderia ser desfeita sem que houvesse alguma mudança irreversível. Eu sabia que, ao respeitar essa distância, estava aceitando que as coisas poderiam nunca mais ser como antes.

A angústia tomava conta de mim. Eu me sentia como um náufrago perdido em um mar revolto, sem saber para onde nadar, sem saber como me salvar. Eu não queria afastar-me, mas também não queria sufocá-la, não queria ser aquele peso em sua vida que ela parecia querer deixar para trás. Eu precisava encontrar uma forma de continuar, de entender o que estava acontecendo, mas ao mesmo tempo, eu sabia que não havia mais nada a fazer além de esperar. Esperar o tempo, esperar que ela voltasse a olhar para mim, esperar que as coisas se resolvessem, se não por mim, ao menos por ela.

Eu pensava na nossa primeira conversa, no nosso primeiro contato. Como era tudo tão simples naqueles primeiros momentos, tão natural, quase como se o destino tivesse conspirado para que nos encontrássemos. E agora, tudo parecia tão distante, tão confuso, como se o universo tivesse virado as costas para nós. Ela, a pessoa que eu mais desejava no mundo, agora parecia ser um reflexo distante, quase irreconhecível. Eu me perguntava se, no fundo, eu não teria sido responsável por tudo aquilo, por tê-la pressionado de alguma forma, por não ter percebido as mudanças sutis que ela estava vivenciando. Ela estava se afastando, e eu, impotente, não sabia o que fazer.

Durante aqueles dias em que a distância se estabeleceu entre nós, eu me entreguei a uma reflexão que, talvez, fosse inevitável. O que realmente significava amá-la? Eu, que sempre havia sido tomado pela intensidade, pela paixão, pela vontade de fazer tudo certo, agora me via diante da pergunta mais difícil de todas: Como poderia ser o melhor para ela, quando as minhas próprias emoções estavam tão à flor da pele? Como poderia mostrar o quanto me importava sem sufocá-la, sem invadir o espaço que ela precisava para encontrar a si mesma? Era uma questão que não tinha resposta simples, e quanto mais eu pensava nela, mais o peso da dúvida me consumia.

E assim, os dias foram passando, e a sensação de estar perdendo ela se tornou cada vez mais presente. Eu não sabia se ela sentia o mesmo, se a dor da separação também a dilacerava, mas o que eu sabia era que ela precisava desse espaço. Talvez, mais do que eu, ela precisava encontrar a liberdade para respirar, para se descobrir longe das pressões de um relacionamento. Eu não sabia o que ela pensava, mas, no fundo, esperava que ela estivesse bem, que estivesse encontrando a paz que tanto merecia. Eu, por outro lado, me sentia imerso em um mar de incertezas. A ideia de que a perdia definitivamente me atormentava. O pensamento de que, talvez, nunca mais teríamos outra chance me dilacerava, mas eu precisava me conformar com a ideia de que o futuro de ambos estava em mãos que não podiam ser forçadas, apenas respeitadas.

Mas, ao mesmo tempo, havia em mim uma esperança, uma chama que se recusava a se apagar. Se eu tivesse algum mérito em nossa história, era o fato de, ao menos, amar de verdade. Eu sabia que não havia garantias, que o futuro era incerto, mas algo dentro de mim me dizia que, se houvesse uma segunda chance, eu estaria pronto para ela. Eu tinha que ser paciente, mas mais do que isso, eu precisava me tornar alguém melhor, alguém que ela pudesse olhar e dizer: “Sim, ele é o que eu preciso.”

E então, com esse pensamento, eu me vi na necessidade de aprender a viver com a distância, com a incerteza, com a possibilidade de não haver mais um “nós”. Eu queria ser forte, queria ser digno desse amor, mas não sabia como alcançar isso sem me perder no processo. Eu estava dividido entre o desejo ardente de tê-la de volta e o respeito pela decisão dela. O dilema era constante, como uma luta interna que nunca cessava. Mas, no fundo, eu sabia que só o tempo poderia nos dizer qual seria o destino dessa história, se seria uma história com fim ou um recomeço.

“Estou disposto a esperar o tempo que for preciso, Misty. Porque amar você não é apenas um sentimento, é uma escolha que faço todos os dias.”

19

Título do capítulo

O tempo passou, e com ele, uma série de questionamentos que eu não conseguia controlar. Cada momento, cada segundo, parecia arrastar-se com uma lentidão insuportável, como se o universo estivesse me forçando a vivenciar minha própria impotência. Eu tentava me concentrar em outras coisas, mas, ao final de cada dia, a saudade de Misty me consumia. Era como se, a cada dia sem ela, uma parte de mim fosse deixando de existir. Não importava o que eu fizesse, ela estava sempre ali, em meus pensamentos, como uma sombra que se recusa a desaparecer.

Eu me via lutando contra essa obsessão, tentando me convencer de que deveria seguir em frente, de que a vida continuaria sem ela. Mas, a cada tentativa de seguir em frente, o peso do vazio que deixava em meu coração parecia aumentar. Eu me perguntava se ela sentia o mesmo, se havia dias em que ela também se perguntava o que havia acontecido entre nós. Se ela também se perguntava se havia algo que poderia ter sido feito para evitar aquele fim. Mas, ao mesmo tempo, havia uma voz em minha mente, uma voz que me dizia para não pressioná-la, para não invadir seu espaço, para não ser aquele que, por medo ou desejo, insistia onde a decisão já estava tomada.

A saudade, essa sensação agri-doce que se apodera de nós, tomou conta de mim de forma implacável. Eu pensava nela em cada canto de minha casa, em cada rua que eu passava. Tudo me lembrava ela. O barulho das pessoas na rua, o som do vento nas árvores, o perfume das flores, tudo parecia ter algum significado oculto, uma conexão com o que eu havia perdido. Mas ao mesmo tempo, havia algo de reconfortante nisso. A lembrança de Misty, ainda que dolorosa, me dava a sensação de que ela, de alguma forma, ainda estava presente, como uma estrela distante no céu, mas que, ao menos, ainda brilhava.

Mas, mesmo com essa saudade constante, eu sabia que o tempo era algo que, no fundo, trabalhava ao nosso favor. O tempo, esse ser impiedoso, que nos corrói e nos cura ao mesmo tempo. Eu não sabia o que o futuro reservava para mim, nem o que o destino tinha em mente para Misty, mas algo dentro de mim dizia que o tempo traria clareza. Talvez fosse uma esperança vã, mas era tudo o que eu tinha. Eu, que tantas vezes fui dominado pela incerteza e pela dúvida, agora me via preso a essa ideia simples e, ao mesmo tempo, complexa: a ideia de que o tempo cura, de que o tempo revela, de que o tempo nos ensina a viver com as escolhas que fizemos.

Os dias, como sempre, passaram lentamente, mas uma nova perspectiva começou a surgir. Eu percebia que havia mais em mim do que eu imaginava. Eu não era mais o mesmo jovem inseguro que havia se apaixonado por Misty. Havia uma transformação sutil acontecendo dentro de mim. Eu estava me tornando alguém mais consciente de si mesmo, mais consciente de suas próprias limitações e de suas próprias forças. O que me parecia uma perda devastadora agora se transformava, aos poucos, em uma lição de crescimento, uma lição que, de alguma forma, ainda me conectava a Misty, mesmo que em silêncio.

Eu ainda a amava, isso não havia mudado. O amor que sentia por ela não desaparecera. Mas, agora, havia uma nova compreensão, uma compreensão de que o amor não era apenas sobre estar junto, sobre ter a pessoa ao seu lado. O amor, como eu estava começando a perceber, também era sobre respeitar o espaço do outro, sobre reconhecer que cada um tem seu próprio caminho a seguir, sua própria jornada. Eu, como um romântico, havia sempre idealizado o amor como algo grandioso, algo que se realizava em grandes gestos e promessas. Mas agora, algo em mim estava se moldando, algo que me fazia entender que o amor verdadeiro, o mais puro, muitas vezes se manifesta na ausência, no respeito pela liberdade do outro.

E assim, eu me encontrei em um impasse silencioso. Eu ainda a amava profundamente, mas agora havia algo mais forte do que esse amor. Era o respeito pela sua decisão, pela sua necessidade de espaço, pela sua liberdade. Eu sabia que, se algum dia ela voltasse, seria porque algo em seu coração ainda a conectava a mim, mas, até lá, eu precisava aprender a viver com a distância, com o silêncio, com a incerteza. E, de certa forma, eu já começava a perceber que esse processo de espera e autodescoberta era uma parte essencial do que era preciso para que, quem sabe um dia, nós dois pudéssemos nos encontrar de novo, mas agora como duas pessoas mais fortes, mais maduras, mais preparadas para o que o amor realmente significava.

“Quero cumprir cada promessa que fizemos um ao outro. Quero ser para você alguém melhor, alguém capaz de construir um amor puro e sincero.”

20

Título do capítulo

Após o término, os dias passaram como se o tempo estivesse se arrastando, mas eu não sabia como agir. A dor da perda ainda me consumia, mas havia algo mais, uma necessidade quase desesperada de entender, de compreender o que havia acontecido, de saber o que Misty realmente pensava sobre tudo. Eu sabia que ela havia tomado uma decisão difícil, uma decisão que, por mais que eu tentasse entender, ainda me parecia vaga, nebulosa, como se estivesse imersa em uma neblina densa que não me permitia enxergar com clareza.

Foi então que, por um golpe de sorte, conversei com Joui, um amigo próximo de Misty, alguém em quem ela confiava. Eu já o conhecia de outras vezes, mas, naquele momento, ele se tornou uma ponte entre mim e ela, um elo perdido que, por mais difícil que fosse, poderia me ajudar a compreender melhor a situação. Não era algo que eu planejara, mas a conversa se iniciou de forma natural, como se o destino, mais uma vez, quisesse que eu soubesse mais do que eu estava preparado para ouvir.

Joui parecia ser uma pessoa equilibrada, alguém que olhava as coisas com um pragmatismo que, em alguns momentos, me irritava, mas que, naquele contexto, eu precisava. Ele não estava lá para me confortar ou para me dar esperanças vãs. Seu olhar era direto, como se ele soubesse que a verdade era o único remédio que eu precisava, ainda que fosse amarga. Ele me disse que Misty não guardava mágoas de mim. Suas palavras foram como uma lâmina afiada cortando a névoa do meu coração, mas ao mesmo tempo, havia algo de reconfortante nelas. “Ela não guarda rancor”, ele disse, e isso foi o suficiente para me tirar um peso dos ombros, embora não fosse suficiente para apagar a dor que ainda queimava dentro de mim.

Eu queria mais. Queria saber se ela ainda pensava em mim, se, em algum lugar, no fundo de seu coração, ela ainda sentia algo por mim. Mas Joui, com sua característica frieza, me disse que Misty estava lidando com coisas próprias, questões internas que eu não poderia compreender completamente. Ele me explicou que o que ela mais precisava naquele momento era de tempo, de espaço para se encontrar, para se recompor. Eu entendi, mesmo que o entendimento fosse como uma faca cortando a carne de minha alma. O amor que eu sentia por ela não era suficiente para a salvar de si mesma. Ela precisava de algo mais do que eu poderia oferecer naquele momento.

Eu, como um romântico incorrigível, queria acreditar que o tempo poderia consertar tudo, que, de algum modo, ela voltaria para mim. Mas a realidade era outra. Joui me alertou sobre isso, me fez ver que, se um dia ela voltasse, seria porque ela mesma teria mudado, teria evoluído, mas não por causa de mim. Ele não disse isso com crueldade, mas com uma sinceridade que, naquele momento, me parecia dolorosa. O futuro era incerto, e ele estava me dizendo, de maneira simples e direta, que eu deveria esperar sem expectativas, sem colocar minhas esperanças em um retorno que talvez nunca acontecesse.

O peso dessas palavras caiu sobre mim, mas, ao mesmo tempo, havia algo libertador nelas. Eu estava, de certa forma, sendo liberado da pressão que eu havia colocado sobre os meus próprios ombros. Joui me mostrou, sem querer, que o amor, às vezes, não é sobre conquistar a outra pessoa, mas sobre permitir que ela siga o caminho dela, sem interferir. Ele me ajudou a entender que o espaço que Misty precisava era, de certa forma, uma forma de amor, uma forma de respeito pela sua própria jornada.

Depois daquela conversa com Joui, a dor não desapareceu, mas algo em mim mudou. Eu compreendi que não podia continuar esperando como se a vida fosse uma espera eterna. Eu precisava viver, precisava olhar para mim mesmo, para as minhas próprias falhas e conquistas. Eu não podia mais ser o espectador da minha própria vida. Eu precisava ser o protagonista, mesmo que isso significasse abrir mão de Misty, mesmo que isso significasse aceitar que o que ela precisava naquele momento era algo que eu não podia dar.

Com o tempo, fui aprendendo a lidar com a ausência dela, a não vê-la em cada esquina, em cada passo que eu dava. Mas, ao mesmo tempo, sua imagem continuava ali, como uma presença distante, um farol que, por mais que eu tentasse, nunca conseguia apagar da minha memória. O tempo, que havia começado como um inimigo, começou a ser meu aliado. Eu sabia que, com o passar dos dias, eu teria mais clareza sobre os meus próprios sentimentos, mais clareza sobre o que eu queria da vida e de mim mesmo.

E assim, aos poucos, eu fui deixando de ser o romântico desesperado e comecei a me tornar algo mais complexo, mais maduro. Algo que ainda amava Misty, mas que entendia que o amor não podia ser forçado, que o amor precisava ser livre. E, talvez, um dia, ela voltasse. Mas, até lá, eu precisaria viver a minha própria vida, com a esperança de que o futuro, com seu mistério, traria respostas que eu ainda não tinha.

“Se um dia nos reencontrarmos, prometo fazer tudo diferente. Meu amor por você será mais maduro, mais forte e mais verdadeiro.”

21

Título do capítulo

Havia algo profundo dentro de mim, algo que eu mal conseguia compreender, mas que me impulsionava a escrever, a expressar tudo o que estava guardado em meu coração. Talvez fosse uma tentativa de aliviar a dor que me consumia, talvez fosse uma forma de me fazer entender, de tornar claro o que eu sentia, sem mais barreiras, sem mais receios. Eu não queria apenas que ela soubesse da minha dor, mas, acima de tudo, queria que ela soubesse do meu amor. Não um amor desesperado, não aquele amor que busca desesperadamente ser correspondido, mas um amor que respeita, que espera, que compreende o espaço necessário, sem jamais deixar de existir.

E eu estava disposto a esperar por ela, quanto tempo fosse necessário. As palavras de Joui ecoavam em minha mente: “Ela precisa de tempo, ela precisa de espaço”. Eu compreendia isso, com uma clareza cruel, mas também sabia que, por mais que ela precisasse de distância, eu também precisava estar presente, mesmo que de longe. Eu não iria forçar sua volta, não iria pressioná-la. Estava disposto a ser o amigo que ela precisava, a ser aquele que respeitava seus limites, mesmo que isso significasse que meu coração, ainda perdido nela, tivesse que aguardar. E o tempo, esse inimigo silencioso, passaria, mas eu não me importava mais com ele. O que me importava era o quanto eu estava disposto a esperar.

Eu queria que ela soubesse disso. Queria que ela entendesse que o meu amor por ela não era algo que se dissipava facilmente, que não se apagava com o tempo, com a distância. Era algo que permanecia, que se fortalecia a cada dia, mesmo quando as palavras eram poucas, e os gestos, mais escassos. Porque o amor, para mim, não era um sentimento que se moldava conforme as circunstâncias. O amor, para mim, era uma promessa silenciosa de que eu estaria ali, independentemente de qualquer coisa. Eu sabia que, se ela precisasse de tempo para se encontrar, eu não iria interferir, não iria apressar as

coisas. Eu não queria ser a sombra que a perseguia, mas a luz que, de longe, a guiava, se ela permitisse.

E eu também sabia que, em algum lugar, dentro dela, havia ainda o que ela sentia por mim, mesmo que fosse um resquício, uma chama pequena que, por mais fraca que fosse, ainda queimava. E essa chama, eu sabia, poderia reacender no momento certo, no tempo certo. Mas eu não queria que isso acontecesse porque eu insistisse, porque eu pressionasse, mas porque ela, por sua própria vontade, decidisse que aquele amor que existia entre nós merecia ser reavivado. Porque o amor, de verdade, não se força. Ele se nutre com paciência, com respeito, com compreensão.

Foi por isso que escrevi aquelas palavras, aquelas palavras que, agora, se tornavam um reflexo daquilo que eu realmente sentia. Eu não queria que ela lesse aquilo como um grito de desespero, mas como uma declaração sincera do que meu coração desejava. Não queria que ela visse aquilo como um pedido de volta, mas como uma promessa: a promessa de que eu faria de tudo para ser melhor, para ser a pessoa que ela merecia, para ser aquele que cumpriria todas as promessas que fizemos um ao outro. Cada palavra de afirmação que ela me deu, cada mensagem trocada, cada olhar trocado, tudo isso era para mim um compromisso, um pacto silencioso de que eu estava disposto a fazer o que fosse necessário para fazer dar certo. Mas não de qualquer maneira. Eu queria fazer diferente, fazer melhor. Eu queria um amor mais maduro, mais puro, mais sincero. Eu sabia que não éramos perfeitos, mas eu acreditava que, com o tempo, poderíamos ser algo mais. Algo verdadeiro. Algo que, se fosse para acontecer, aconteceria com base no entendimento, no crescimento e, principalmente, no respeito.

E, enquanto eu esperava, eu me dedicaria a ser uma versão melhor de mim mesmo. Não por ela, mas por mim, para poder ser o homem que ela merecia, o homem que ela poderia, talvez, um dia escolher novamente. E, mesmo que isso nunca acontecesse, eu me orgulharia de ter amado com tamanha sinceridade. Porque o amor, no fim, não é uma barganha, não é algo que se faz esperando algo em troca. O amor verdadeiro é aquele que se dá sem reservas, sem medos, sem expectativas que limitem o que ele pode ser.

Eu realmente esperava, de todo o meu coração, que ela lesse isso. Que, ao ler, ela entendesse o que eu estava dizendo: que eu estava aqui, esperando, mas não na esperança vazia de um retorno rápido ou de um reconciliação imediata. Eu estava esperando porque, no fundo, eu acreditava que, um dia, poderíamos ser melhores juntos. Não mais como éramos, mas como poderíamos ser, mais maduros, mais completos, mais preparados para nos amarmos de maneira verdadeira e incondicional.

E, se o destino fosse generoso o suficiente para nos dar uma segunda chance, eu prometia que faria tudo o que estivesse ao meu alcance para garantir que não repetíssemos os mesmos erros, que não fôssemos tomados pelas mesmas inseguranças e dúvidas que nos separaram. Eu faria o que fosse necessário para que esse amor fosse mais forte, mais resiliente, mais digno.

Eu espero que ela entenda, espero que ela saiba, de alguma forma, que estou aqui. E, mais do que isso, que estou esperando por ela, com um amor mais forte, mais puro, mais sincero do que nunca.

“Misty, escrevo estas palavras como um testemunho do meu amor por você. Espero que, ao lê-las, você entenda que nunca deixei de acreditar em nós.”

Minha última mensagem:

Talvez o maior erro que cometemos, minha querida Misty, tenha sido acreditar que o amor, por mais intenso que fosse, pudesse suprir as nossas obrigações pessoais. Quando priorizamos o relacionamento em detrimento dos nossos estudos, da nossa evolução individual, caímos em um ciclo de discussões e insatisfações que só nos afastaram, sem nunca realmente resolvermos o que havia por trás de tudo. Cada briga sem fim, cada “vamos esquecer isso”, apenas empurravam os problemas para debaixo do tapete, esperando que, de alguma forma, o tempo curasse as feridas. E, na verdade, o tempo só deixou as feridas mais profundas.

Eu, particularmente, percebi que ao tentar resolver tudo na impulsividade de querer estar contigo, por vezes não tomei o tempo necessário para refletir sobre como tudo aquilo nos estava afetando. Fui te procurar, mesmo quando me disseste que não era o momento, e insisti em um diálogo que deveria ter esperado o momento certo. O amor precisa de paciência, Misty, e eu aprendi isso da maneira mais dolorosa possível.

Hoje, mais consciente das minhas falhas, vejo que, ao invés de resolver, só complicávamos ainda mais as coisas. Talvez as discussões sejam naturais, como eu te disse naquela noite, mas não deveriam ser assim, não em um relacionamento que se pretende sólido e saudável. Agora, diante de tudo o que aconteceu, percebo que o que realmente precisamos é de um tempo. Um tempo para refletir sobre o que realmente queremos e, principalmente, para sermos melhores para nós mesmos antes de tentarmos ser melhores para o outro.

Eu sei que, no fundo, ainda existe algo forte entre nós, algo que não se apaga. E mesmo que agora o silêncio seja necessário, acredito que, no futuro, se o destino assim permitir, seremos capazes de voltar mais fortes, mais maduros, prontos para não repetir os mesmos erros. Eu espero, com todo o meu coração, que um dia você possa entender o quanto te amo, e que, quando estivermos prontos, saberemos fazer tudo dar certo. Porque, Misty, se o tempo nos permitir, quero provar a você que tudo o que fizemos e dissemos tem valor e que, um dia, faremos as coisas de forma diferente — melhor.

Sempre dizem que uma carta escrita à mão é um gesto muito valioso e romântico, algo que traduz os sentimentos mais íntimos de quem escreve. Talvez eu tenha tentado ser diferente, e, ao invés de uma carta, escrevi logo um livro. Não porque uma folha de papel fosse insuficiente, mas porque meu amor por você transcende palavras simples e necessita de páginas inteiras para ser contado. Este livro é a soma do que fomos, do que somos e, quem sabe, do que ainda podemos ser. É minha maneira de te dizer que, mesmo à distância, você ainda habita cada pensamento meu.

“ABLUBLUBÉ”